

***CURSO INTENSIVO 2022***

# **Verbos**



**Prof. Wagner Santos**

**AULA 06**

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>1 FLEXÕES</b>	<b>3</b>
1.1 Flexão Nominal	4
Gênero	4
Número	6
1.2 Flexão verbal	9
Modo	9
Pessoa	11
Número	12
Tempo	13
<b>2 CORRELAÇÕES DE TEMPOS E MODOS</b>	<b>18</b>
<b>3 ASPECTOS GRAMATICAIS DOS VERBOS: TRANSITIVIDADE E VOZES</b>	<b>20</b>
Transitividade verbal	20
Vozes verbais	22
<b>4 EXERCÍCIOS</b>	<b>29</b>
<b>5 GABARITO</b>	<b>59</b>
<b>6 QUESTÕES RESOLVIDAS E COMENTADAS</b>	<b>60</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS DAS AULAS</b>	<b>117</b>



## Introdução

E aí, Bolas de Fogo?

Conforme prometido nas aulas anteriores, chegamos à nossa aula de verbos. Aqui, precisarei apresentar algumas relações sintáticas, já antecipando a próxima aula, que será de sintaxe do período simples, como você bem sabe. Claro que, lá, retomaremos essa parte sintática de forma mais aprofundada, mas já darei um gostinho a vocês dessas relações tão importantes.

Além disso, falaremos de conceitos muito importantes para vocês: as relações de tempos e modos que aparecem em construções de texto, fato interessante, inclusive, para a construção textual e a compreensão de incorreções para a norma culta, fator cobrado de forma mais constante nos vestibulares do país.

Destaco que as relações de regência e de concordância serão trabalhadas, após as aulas de sintaxe do período simples. Explico: eu trabalho esses dois conteúdos a partir de uma visão sintática, dado que as funções dos termos são essenciais para um melhor aproveitamento desse conteúdo.

Nessa aula, veremos:

- Flexões verbais e nominais (aproveitamos para colocar a flexão juntinha);
- Correlação de tempos e modos; e
- Sintaxe dos verbos e uso deles.

Bora que só bora?

## 1 Flexões

Antes de entrarmos especificamente na parte relativa à flexão, vamos relembrar o que falei na primeira aula de morfologia de classes?

### Verbos do ponto de vista morfológico

Representa a ação praticada, indicando quem a realizou e o momento em que foi realizada.

Pode representar uma ação, expressar um estado ou apresentar um fenômeno da natureza.

São três as conjugações verbais: 1ª, em -ar; 2ª, em -er; e 3ª, em -ir.



Claro que retornaremos constantemente a essa relação apresentada, mas queria somente que você se lembrasse desses elementos importantes. Agora, podemos passar para o conteúdo dessa seção. Bora lá!

A flexão é uma modificação na palavra para expressar diferentes significados. Tanto verbos como formas nominais podem ser flexionados. Quando falamos de flexão com relação às **formas nominais** ou às **formas verbais**, entendemos que utilizamos **desinências**, que serão determinadoras de **número** e **gênero**, no caso dos nomes; e de **número**, **tempo**, **modo** e **pessoa** no caso dos verbos.

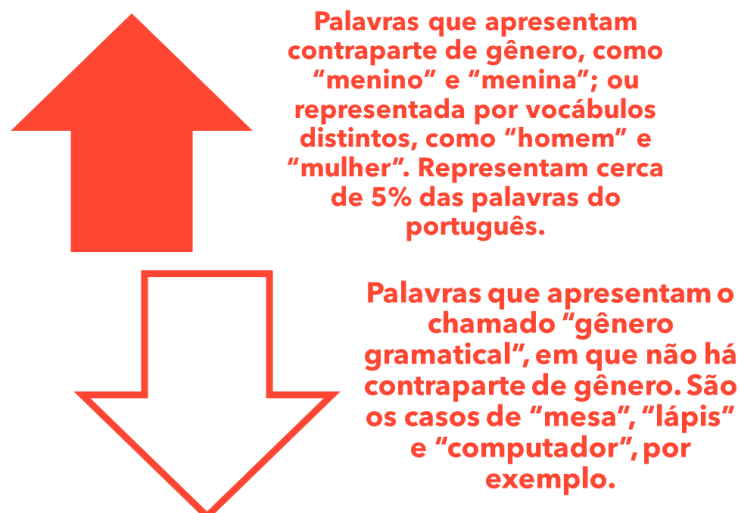
A linguística chama a flexão das **formas nominais** de **declinação**, enquanto chama a flexão das **formas verbais** de **conjugação**, que variará, como veremos, conforme a conjugação a que pertencer o verbo (olhe o quadro da página anterior).

## 1.1 Flexão Nominal

As formas nominais (substantivos, adjetivos, pronomes e numerais) admitem apenas duas variações: **gênero** e **número**. Em compensação, cada uma dessas variações possui uma série de regrinhas. Muitas delas já estamos acostumados e, por isso, fazemos automaticamente. Outras usamos em menor quantidade e, por isso, exigem maior atenção.

### Gênero

Quando analisamos os nomes, entendemos que há, essencialmente duas formas de comportamento com relação ao gênero. Vejamos:



Os gêneros gramaticais existem, essencialmente, para que tenhamos as relações sintáticas de concordância dos termos determinados, fazendo com que entendamos como é que os outros termos se comportarão sintaticamente com relação aos nomes. Ou seja, o comportamento de termos variantes em gênero dependerá desse gênero gramatical (ou de mudança de gênero mesmo).

FIQUE  
ATENTO!



Nem sempre as palavras masculinas ou femininas terminarão, respectivamente, em “o” e “a”. São palavras que, em muitos casos, causam problemas sérios na hora da determinação desse gênero. Para auxiliar, observe o artigo determinante dessas palavras para saber a qual gênero pertencem:

**A** alface foi comprada por minha mãe na feira.  
**O** tapa que ele me deu foi muito dolorido**o**.

Assim, entendemos o gênero das palavras. (Inclusive, como exemplo de variante linguística, em alguns dos estados do Nordeste, é comum que a palavra “tapa” seja usada como feminina, como em construções de “Te darei uma tapa se você continuar fazendo birra”.

Para as palavras que variam em gênero, temos a seguinte relação, importante de vocês se atentarem.

Regra: Masculino para Feminino	Exemplo
Terminados em “o” mudam para “a”	O gato – A gata
Terminados em “ão” mudam para “ã”, “oa” ou “ona”	O capitão – A capitã / O leão – A leoa / O chorão – A chorona
Terminados em “or” acrescentam um “a” ou “eira” (em caso de qualidade)	O senhor – A senhora / Homem trabalhador – Mulher trabalhadeira
Terminados em “ês” e “z” acrescentam um “a”	O burguês – A burguesa / O juiz – A juíza
Terminados em “e” podem mudar para “a”	O governante – A governanta
Alguns títulos de nobreza mudam para “-esa”, “-essa”, “-isa”	O barão – A baronesa / O conde – A condessa / O papa – A papisa



INDO MAIS  
FUNDO!



Duas observações são importantes nesse momento:

1) *Em português, consideramos somente a desinência “-a” como formadora de gênero, dado que, se há somente dois gêneros, temos a possibilidade de compreensão de que um é marcado e o outro não. Assim:*

Menino (O “-o” é considerado uma vogal temática e não uma marcação de gênero).  
Menina (O “-a” é considerado uma desinência de gênero – em casos de contraparte de palavra masculina, como aqui vemos).

2) *Alguns substantivos têm sua significação modificada conforme o artigo que o precede as palavras. Vejamos:*

A **cabeça** daquele homem não está normal. (Referência à parte do corpo)  
O **cabeça** da operação já se apresentou. (Aqui, temos uma metonímia que significa “líder” ou “chefe”)

## Número

Os nomes admitem duas flexões de número: **singular** e **plural**. Essa determinação, em geral, é dada de forma morfológica, com modificação da palavra por meio de **desinência** de plural, sendo que, em alguns momentos, a palavra não aceita variação nela mesma, sendo o artigo responsável por essa determinação de número. Em alguns poucos casos, como nos substantivos terminados em “-s” e “-x” são invariáveis quanto ao número.

Regra: Singular para Plural	Exemplo
Terminados em vogal, ditongo e “n” acrescentam “s”	Gato – Gatos / Herói – Heróis / Hífen – Hifens
Terminados em “m” mudam para “ns”	Montagem – Montagens
Terminados em “r” e “z” acrescentam “es”	Senhor – Senhores / Sagaz – Sagazes
Terminados em “al”, “el”, “ol”, “ul” trocam o “l” pelo “is”	Canal – Canais / Anel – Anéis / Girassol – Girassóis / Azul – Azuis
Terminados em “il” trocam por “is” (oxítonas) ou “eis” (paroxítonas)*	Juvenil – Juvenis / Inútil – Inúteis
Terminados em “ão” trocam por “ões”, “ães” ou “ãos (paroxítonas)”	Doação – Doações / Cão – Cães / Cidadão – Cidadãos



Dentre as palavras em “-z”, chamo a sua atenção para a palavra **gravidez**, que, diferente do que pensamos, faz plural normalmente em **gravidezes**, segundo a gramática tradicional. É uma palavra feia, né? Contudo, a noção de plural dessa palavra precisa da marcação. Se achar muito feio, siga a dica de Dad Squarizi em seu blog no *Correio Braziliense*: troque “gravidezes” pelo sinônimo “gestações”.

Opa que, no quadro da página anterior, apareceram classificações fonéticas quanto à tonicidade. Vamos aprofundar isso bem mais para frente no nosso curso, contudo apresento um pequeno resumo para que vocês não se percam.

Oxítonas têm, como sílaba forte a última sílaba da palavra.  
(Ca-fé; ar-ma-zém)

Paroxítonas têm, como sílaba forte a penúltima sílaba da palavra.  
(His-tó-ria; hí-fen)

Proparoxítonas têm, como sílaba forte a anteúltima sílaba da palavra.  
(Mú-si-ca; pú-bli-co)

As palavras “oxítonas”, “paroxítonas” e “proparoxítonas” são proparoxítonas.

Enfim, a hipocrisia!



Há, ainda, alguns casos em que a confusão prevalece na hora da flexão no plural: os **substantivos compostos**. Em alguns momentos, temos a construção de questões que comparam ou que apresentam elementos compostos, pedindo a construção de plurais desses substantivos, principalmente no que diz respeito à formação de novas palavras. Assim, é necessário que vocês se atentem às seguintes regras. Em seguida, apresento alguns elementos que causam maior dúvida em vocês na hora da produção textual. Bora que só bora, bolas de fogo!



Substantivos compostos	Exemplo
Não separados por hífen: acrescenta-se o "s"	Pontapé - pontapés
Separados por hífen: variam conforme o caso.	
<u>Variam ambos</u>	substantivo + substantivo: couves-flores substantivo + adjetivo: obras-primas adjetivo + substantivo: más-línguas numeral + adjetivo: sextas-feiras
<u>Varia o primeiro</u>	segundo termo é determinante do primeiro: bananas-prata segundo termo é ligado por preposição: pés-de-cabra
<u>Varia o segundo</u>	primeiro termo é verbo ou palavra invariável: guarda-chuvas; vice-presidentes.

FIQUE  
ATENTO!



Uma das dúvidas mais frequentes com relação ao uso do plural dos substantivos compostos está na referência a cores. Assim, é interessante perceber o seguinte: as palavras referentes a cores são, essencialmente, simples ou compostas e variam quanto à classificação, podendo ser substantivos ou adjetivos. Quando estão na forma simples e funcionam como adjetivos, variam normalmente. Vejamos:

A grama **verde** me encanta sempre que é cortada.  
 As plantas **verdes** me encantam demais, mas prefiro as coloridas a elas.

Quando aparecem de forma composta, pensaremos assim:

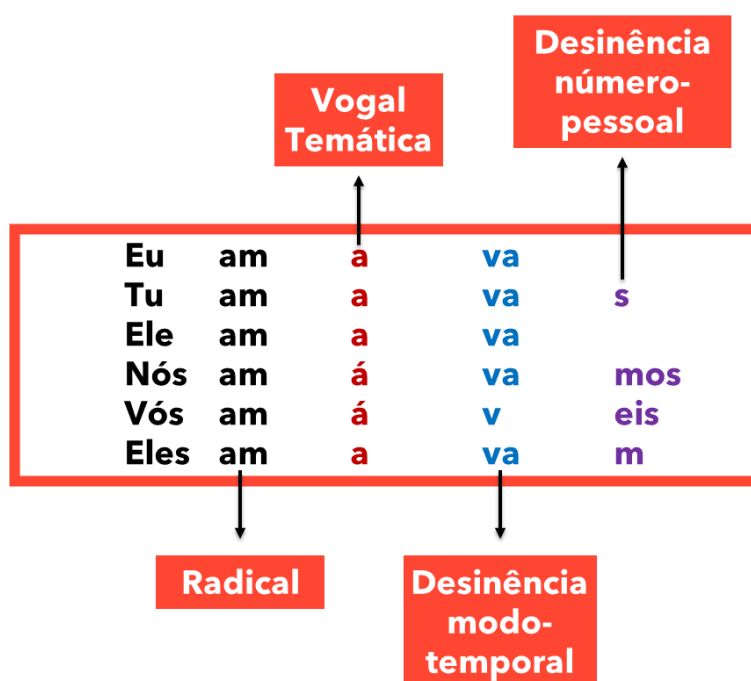
- 1) Quando a palavra se comportar como adjetivo, sendo o último elemento um adjetivo, somente ele variará: As camisas azul-claras. Contudo, se o último elemento for um substantivo, não variará nenhum elemento: As camisas azul-petróleo.
- 2) Quando a palavra se comportar como substantivo, variarão as duas palavras: Os azuis-petróleos são muito interessantes.



## 1.2 Flexão verbal

Agora passaremos às **flexões verbais**. No caso, entendemos que os verbos são aqueles que apresentam uma quantidade enorme de variações dentro de um enunciado, dado que atende a muitas possibilidades, no caso: **modo**, **tempo**, **número** e **pessoa**. A sua divisão é feita entre **radical** e **desinências**, dado que é a estrutura tradicional dos verbos.

Você já sabe que a significação da forma verbal é de responsabilidade do **radical**, cabendo, às **desinências**, as variações necessárias conforme o contexto discursivo, que levará a modificações sintáticas. O que quero dizer é que o enunciador montará sua oração conforme “sua vontade” e o verbo atenderá a essas necessidades, inclusive, de concordância com o sujeito.



Agora, aprofundaremos as construções de desinências verbais, para você entender direitinho tudo. **Destaco que a variação das vozes não é uma construção desinencial, por isso, será tratada mais à frente.**

### Modo

O modo é a forma de flexão do verbo que carrega, em si, informações semânticas. Temos, em português, três modos verbais e outras três formas nominais, todas determinadas por esse tipo de desinência.



<b>Modos verbais</b>	<p><b>Indicativo</b> Denota ação real, mais certa e precisa. (Você vai bem nas provas, pois estuda português.)</p> <p><b>Subjuntivo:</b> Denota ação possível, porém incerta ou dependente de outra para ocorrer. (Você iria bem nas provas, se estudasse português.)</p> <p><b>Imperativo</b> Denota ordem ou pedido. (Estude português para ir bem na prova.)</p>
<b>Formas nominais</b>	<p><b>Infinitivo</b> Às vezes chamado de forma puramente verbal, coincide com o radical do verbo. Pode aparecer como substantivo. Termina em -ar, -er, -ir.</p> <p><b>Gerúndio</b> Indica uma continuidade na ação do verbo. Pode aparecer na função de um advérbio, pois exprime circunstâncias de igual maneira. Termina em -ndo.</p> <p><b>Particípio</b> Indica ação já finalizada, concluída. Pode funcionar como adjetivo e será flexionado em gênero e número. Termina em -ado, -edo, -ido.</p>

Uma das formas mais comuns de cobrança dos verbos está relacionada aos modos, em especial à utilização dos tempos de hipótese ou certeza. Esse fato é importantíssimo para que vocês resolvam as questões de forma correta. Tendo falado sobre as formas nominais, é importante falarmos sobre algumas construções de conhecimento importantes. Bora lá.

### Locuções verbais

São construções verbais em que aparecem mais de um verbo e funcionam como uma unidade de significado, sendo formadas a partir de um verbo auxiliar e um principal. O verbo principal sempre estará em uma das três formas nominais do verbo. A ação está no verbo principal; a conjugação está no verbo auxiliar.

Nós **estávamos** andando na praia. (verbo auxiliar + gerúndio)

Eu **quero** descansar um pouco. (verbo auxiliar + infinitivo)

Ela **tem** estudado para o vestibular. (verbo auxiliar + particípio)

A locução verbal obrigatoriamente se referirá ao mesmo verbo e podemos afirmar que, se os dois verbos se referirem ao mesmo sujeito, temos uma locução verbal.



Os principais verbos auxiliares são os seguintes:

- 1) Auxiliares de voz, que formam a voz passiva: ser, estar, ficar, viver, andar, ir e vir em construção com o particípio. (O verbo "ser" é mais comum nesses casos).
- 2) Auxiliares de tempo composto, que formam tempos compostos dos verbos: ter e haver em construção com o particípio.
- 3) Auxiliares de aspecto, que indicam o momento em que a ação verbal se realiza, por exemplo:

**Passou** a comer somente vegetais depois do acidente.

**Estou** para começar a estudar.

**Continuo** fazendo as coisas como posso.

- 4) Auxiliares de modo, que indicam a forma como a ação verbal se realiza. Por exemplo:

**Tenho** de estudar mais gramática.

**Posso** estudar todos os dias o material do Bola de Fogo.

**Quero** estudar mais gramática antes da prova.

## Pessoa

A pessoa está relacionada a quem está presente naquela ação ou outro valor verbal. Há, como sabemos, três possibilidades de construção com pessoas: 1ª, 2ª e 3ª pessoa, com variação no número.

**1ª pessoa** - Eu sou ou faço parte do grupo que realiza a ação.

Ex.: Eu cheguei em casa.

Nós chegamos em casa.

**2ª pessoa** - A pessoa com quem converso ou a quem me refiro realiza a ação ou faz parte do grupo que o faz.

Ex.: Tu chegaste em casa.

Vós chegastes em casa.

**3ª pessoa** - Alguém externo - nem eu e nem a pessoa a quem me refiro - realiza a ação ou faz parte do grupo que o faz.

Ex.: Ele chegou em casa.

Eles chegaram em casa.



INDO MAIS  
FUNDO!



Essas pessoas com as quais se relacionam os verbos são as chamadas “pessoas gramaticais”, representadas pelos pronomes pessoais do caso reto (Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles).

Além dessas, em sentido discursivo, encontramos outras três pessoas, chamadas de pessoas do discurso e podendo ser representadas por outros vocábulos do português. São elas:

1ª pessoa do discurso: quem fala

2ª pessoa do discurso: com quem se fala

3ª pessoa do discurso: do que ou de quem se fala

Essa percepção é interessante, dado que a pessoa gramatical nem sempre coincide com a pessoa do discurso. Por exemplo, o pronome **você** apresenta segunda pessoa do discurso e terceira gramatical.

## Número

Como palavra variável, o verbo apresenta possibilidade dois números: **singular** e **plural**. Quando se refere a uma só pessoa, diz-se que está no singular; quando a duas ou mais pessoas, no plural. Assim:

Eu estudo português. (singular)  
Nós estudamos português (plural)

Conjugando número e pessoa, chegamos à seguinte divisão:

EU	1ª pessoa do singular
TU	2ª pessoa do singular
ELE	3ª pessoa do singular
NÓS	1ª pessoa do plural
VÓS	2ª pessoa do plural
ELES	3ª pessoa do plural

## Tempo

O tempo informa em que momento ocorreu uma ação. Ao todo são seis tempos verbais:

<b>Presente do Indicativo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Indica um fato concomitante ao momento da fala: <b>Ouço</b> meus cachorros latindo ao longe.</li> <li>Indica um fato frequente, que se repete sempre: <b>Passeio</b> com meus cachorros diariamente.</li> <li>Indica uma verdade absoluta ou atemporal: <b>Morrem</b> pessoas a todo o momento.</li> <li>Indica um fato já iniciado: O Butantan <b>desenvolve</b> muitas vacinas.</li> <li>Indica atualização de acontecimento passado: Em 1500, Portugal <b>descobre</b> o Brasil.</li> </ul>
-------------------------------	---

INDO MAIS  
FUNDO!



Além dessas utilizações, encontramos o presente funcionando de outras formas, a partir da construção contextual. Assim, ainda podemos ter as seguintes leituras:

1) Com significação de futuro do presente, tornando-o mais preciso:

Amanhã, **chego** antes das 10h, prometo.

2) Com significado de futuro do subjuntivo:



Se não **existe** empenho, não **existe** progresso.  
(Existir e existirá, respectivamente)

3) Com significado de imperativo:

Wagner, você me **serve** um cafezinho, por favor?  
(Em lugar de “sirva-me”)

Vale destacar, antes de darmos prosseguimento aos tempos verbais, que o presente, na oralidade e em muitas construções literárias mais modernas é construído com o verbo “estar” e o “gerúndio”, para indicar o que se faz no momento. Assim, no Brasil, preferimos “Estou estudando” a “estudo”, dada a força da significação cotidiana do presente em nossa língua.

<b>Pretérito Perfeito do Indicativo</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>Indica um fato passado já encerrado: <b>Comemos</b> uma pizza sensacional ontem.</li><li>Indica fato cujos efeitos permanecem no presente: “A televisão me <b>deixou</b> burro.” (Teatro Mágico)</li><li>Indica atemporalidade e habitualidade: “Quem <b>pariu</b> Matheus que o embale.”</li></ul>
---	---

INDO MAIS  
FUNDO!



1) A maior parte dos gramáticos, dentre eles Bechara, entende que o pretérito perfeito tem sido usado em lugar do mais-que-perfeito, principalmente em orações temporais, como a seguir:

Logo depois que escutou (=escutara) a bomba, saiu correndo de casa.

2) É comum, segundo Fernando Pestana, que utilizemos o pretérito perfeito em construções com valor de infinitivo, para estimular o receptor, sendo, então, comum em muitas propagandas:

Achou, ganhou!

<b>Pretérito Imperfeito</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Indica um fato que não apresenta conclusão precisa: Ele <b>comentava</b> a questão quando o professor entrou.</li><li>• Indica concomitância de dois fatos passados: Enquanto eu <b>cantava</b>, ela me <b>observava</b>, apaixonada.</li><li>• Indica ação contínua no passado, repetitiva: Eu <b>estudava</b> todos os dias antes da pandemia.</li><li>• Indica fatos vagos, essencialmente fantasiosos: <b>Era</b> uma vez uma menina chamada Chapeuzinho.</li></ul>
-----------------------------	---

INDO MAIS  
FUNDO!



- 1) Em alguns casos, é comum encontrarmos o pretérito imperfeito com valor de presente, indicando polidez, educação:

Meninos, eu **precisava** da atenção de vocês nesse tópico. (=preciso)

- 2) Em alguns casos, toma, para si, valor de futuro do pretérito:

Meu filho quase foi para a Europa, lá, era certo que ele **entrava** em uma faculdade de renome. Tenho certeza! (=entraria)

<b>Pretérito Mais-Que-Perfeito</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Indica fato anterior a outro no passado: Depois que <b>comprara</b> a casa, saiu em busca de móveis.</li><li>• Indica um fato marcado por vagueza no passado: O aluno <b>obtivera</b> nota boa na prova, contudo <b>imagináramos</b> que isso não ocorreria.</li><li>• Indica desejo, principalmente em frases optativas: <b>Tomara</b> que vocês passem nesse vestibular!</li></ul>
------------------------------------	--

Hoje, é mais comum que encontremos o uso do pretérito perfeito em lugar do mais-que-perfeito em construções inclusive literárias e jornalísticas. É interessante notar que isso ocorre essencialmente para facilitar a construção verbal para os falantes. Entendemos, então,



que o uso desse tempo verbal tem sido “guardado” para contextos extremamente polidos e cultos.

<b>Futuro do Presente</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>Indica um fato posterior, futuro: <b>Comeremos</b> naquele restaurante novamente.</li><li>Indica incerteza ou hipótese: <b>Teremos</b> uma chance de sair dessa crise?</li></ul>
---------------------------	--

Atualmente, no português brasileiro, nota-se a preferência pelo que antigamente era chamado de “futuro próximo”, em que a ação denotada ocorreria logo em seguida, sem tempo de espera. Essa forma é montada por meio do uso do verbo “ir” somado ao infinitivo.

**Vou fazer** a apostila inteira antes de dormir.  
Eles **vão construir** esse hospital no prazo estipulado?

<b>Futuro do Pretérito</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>Indica fato hipotético posterior a fato passado: Você nos assegurou que <b>compraríamos</b> a casa.</li><li>Indica um fato que não se realiza: <b>Entraríamos</b> na sala, não fosse a proibição do diretor.</li><li>Indica incerteza sobre fatos: Me pergunto se <b>haveria</b> possibilidade de sair dessa.</li></ul>
----------------------------	---

TOME  
NOTA!



O indicativo apresenta seis tempos, destrinchados anteriormente, o subjuntivo, três e o imperativo, um só tempo.

- 1) O presente do subjuntivo indica desejos, possibilidades, etc., com dependência de outros elementos:

É possível que **entremos** na faculdade esse ano.

- 2) O pretérito imperfeito do subjuntivo indica claramente uma hipótese:



Mesmo que **ficasse** em silêncio, atrapalhava a aula.

3) O futuro do subjuntivo indica um fato futuro possível:

Escrevam o que bem **entenderem**.

Assim, reunindo todas as informações que tivemos até agora, teríamos este possível quadro, mesclando conjugação, modo, tempo, número e pessoa:

## Verbo **ESTUDAR**

1ª conjugação: - AR

**Infinitivo:** Estudar

**Gerúndio:** Estudando

**Particípio:** Estudado

	INDICATIVO			SUBJUNTIVO		
	Presente	Imperfeito	Futuro*	Presente	Imperfeito	Futuro**
EU	estudo	estudava	estudarei	estude	estudasse	estudar
TU	estudas	estudavas	estudarás	estudes	estudasses	estudares
ELE	estuda	estudava	estudará	estude	estudasse	estudar
NÓS	estudamos	estudávamos	estudaremos	estudem	estudássemos	estudarmos
VÓS	estudais	estudáveis	estudareis	estudeis	estudásseis	estardes
ELES	estudam	estudavam	estudarão	estudem	estudassem	estudarem
	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do Pretérito	IMPERATIVO		
				Afirmativo	Negativo	
EU	estudei	estudara	estudaria	---	---	
TU	estudaste	estudaras	estudarias	estuda	não estudes	
ELE	estudou	estudara	estudaria	(você) estude	não estude	
NÓS	estudamos	estudáramos	estudaríamos	estudem	não estudemos	
VÓS	estudastes	estudáreis	estudaríeis	estudai	não estudeis	
ELES	estudaram	estudaram	estudariam	(vocês) estudem	não estudem	

\* o futuro do infinitivo pode aparecer **composto (verbo ser conjugado + infinitivo)**: eu vou estudar.

\*\*o infinitivo pessoal se conjuga da mesma maneira que o futuro do subjuntivo.

Esta é a conjugação simples dos verbos. Muitas vezes, porém, os verbos se encontram conjugados no modo **composto**. Quando isso ocorre, o tempo verbal aparece formado por **verbo auxiliar ter ou haver + particípio do verbo principal**. O tempo verbal dos verbos auxiliares varia em cada caso. Observe:



INDICATIVO (simples	composto)
Pretérito perfeito: verbo auxiliar no <b>presente do indicativo</b>	estudei → tenho estudado
Pretérito mais-que-perfeito: verbo auxiliar no <b>imperfeito do indicativo</b>	estudara → tinha estudado
Futuro do presente: verbo auxiliar no <b>futuro do presente do indicativo</b>	estudarei → terei estudado
Futuro do pretérito: verbo auxiliar no <b>futuro do pretérito do indicativo</b>	estudaria → teria estudado

Atenção para os tempos compostos no subjuntivo! Pode-se formar tempos compostos que não entram no quadro de conjugação:

SUBJUNTIVO (simples	composto)
Pretérito perfeito: verbo auxiliar no <b>presente do subjuntivo</b>	não tem → <del>tem</del> tenha estudado
Pretérito mais-que-perfeito: verbo auxiliar no <b>imperfeito do subjuntivo</b>	não tem → <del>tivesse</del> tivesse estudado
Futuro: verbo auxiliar no <b>futuro do subjuntivo</b>	estudar → <del>tiver</del> tiver estudado

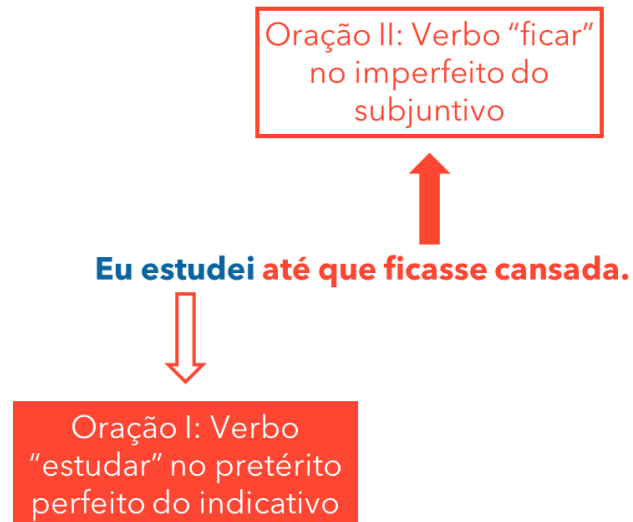
Existem outros fatores a serem considerados nos verbos? Sem dúvida. Contudo, não entendemos como produtivo passar a vocês teorias somente pelas teorias. A ideia é a de que nos focamos naquilo que é mais importante para o seu vestibular. E, pensando nisso, é que apresentamos a próxima seção, uma oportunidade interessante de vocês entenderem as correlações entre tempos e modos verbais.

## 2 Correlações de tempos e modos

Chama-se correlação de tempos e modos verbais a maneira de se redigir um texto com **coerência temporal**. Por exemplo: algo que aconteceu no passado, deve vir conjugado em algum dos tempos passados. Porém se estamos tratando de períodos com duas ou mais orações, os tempos verbais de cada uma delas precisa se relacionar corretamente com o contexto.

Observe o período seguinte:





O que se pode compreender desse período? Que no passado eu fiz uma ação (estudar) que se estendeu até um determinado ponto, também no passado (ficar cansada). Para que haja no período essa noção de ação finalizada no passado + ação durativa no passado, é preciso relacionar os verbos a partir de **tempo** e **modo**.

Apesar de haver regras para quais tempos verbais se relacionam com quais, o mais importante é você compreender a **lógica** por trás do período. Se você compreender o que o período quer dizer, será mais fácil relacionar tempos e modos verbais. Recomendamos, então, que vocês não se preocupem em ficar decorando essas regras e relações apresentadas. Já conversamos muito sobre essa decoreba, não é mesmo? Cuidado com ela, porque os contextos costumam "quebrar as pernas" de vocês.



**Presente do indicativo + presente do subjuntivo**

• **Quero** que você escreva o livro.

**Presente do indicativo + pretérito perfeito composto do subjuntivo**

• **Espero** que ele tenha escrito o livro.

**Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

• **Esperiei** que ele escrevesse o livro.

**Pretério imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo**

• **Queria** que ele tivesse escrito o livro.

Préterito imperfeito do subjuntivo + **futuro do pretérito do indicativo**

• Se ele escrevesse o livro, eu **leria**.

Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + **futuro do pretérito composto do indicativo**

• Se ele tivesse escrito o livro, eu **teria lido**.

Futuro do subjuntivo + **futuro do presente do indicativo**

• Quando você escrever o livro, eu **lerei**.

Futuro do subjuntivo + **futuro do presente composto do indicativo**

• Quando você escrever o livro, eu **já terei lido**.

### 3 Aspectos gramaticais dos verbos: Transitividade e Vozes

Antes de iniciarmos esta seção, cabe destacar que não aprofundaremos os dois assuntos aqui. Vou apresentar, claro, de forma completa as vozes e a transitividade, contudo, nas nossas aulas de sintaxe do período simples, elas reaparecerão de forma completinha para vocês. Por que não é interessante que aprofundemos aqui? Porque temos de lembrar que há outras funções sintáticas envolvidas nesse conteúdo. Assim, não faz sentido antecipar essas funções, dada a profundidade sintática. Mas, bora que só bora, Bolas!

#### Transitividade verbal

A transitividade verbal aparece em três momentos em nossas aulas, se prepare: hoje, aqui nos verbos; na aula de sintaxe do período simples e nas relações de regência que aparecerão em nossa aula de gramática mais textual, depois da sintaxe. Essa “repetição” se explica pela importância dos verbos nas relações das orações. Sem eles, não temos sintaxe, como já explicamos.



No caso da transitividade, temos a ideia de complementação ou não do verbo. Essa complementação é apresentada dentro do contexto, dado que alguns verbos apresentarão complementação em um contexto de uso e não apresentarão em outra.

Eles **comeram** muito no almoço.



O verbo "comeram", nesse caso, não apresenta nenhuma forma de complementação, dado que apresenta uma relação mais genérica.

Ele **comeu um frango delicioso**.



O verbo "comeu", por vontade do enunciador, apresenta uma relação mais específica, mas não muda de sentido. Contudo, note que temos uma complementação. Assim, não há somente relações fixas de transitividade ou reais "necessidades" do verbo.

Entendemos, então, que a transitividade estará ligada diretamente aos contextos e às necessidades discursivas, ainda que tenhamos realmente uma relação sintática básica nos verbos. Outro elemento que modifica essas relações são as regências múltiplas que um verbo poderá ter, como veremos na aula específica. Mas, passemos para a transitividade.

### Verbos intransitivos (VI)

**Verbos intransitivos** não apresentam complemento. Seu sentido é dado por si só. São verbos que podem ser acompanhados de advérbios para caracterizá-los e de predicativos do sujeito que modificarão e caracterizarão o sujeito.

Eles **dormiram** muito cedo antes do vestibular.

**Parece** que todos terão de fazer a prova de máscara.

**Existiam** muitos alunos estudando para aquela prova.

### Verbos transitivos (VT)

Já os **verbos transitivos**, dividem-se em três tipos, dependendo da relação que estabelecem com o complemento que apresentam (os complementos serão analisados profundamente na nossa próxima aula).

- **Transitivo Direto (VTD)**



O complemento aparece diretamente ligado ao verbo, sem a mediação de uma preposição. Somente em casos muito específicos poderão apresentar uma preposição, mas essa não será exigida pelo verbo, senão pelo contexto discursivo, ou seja, dependerão daquilo que se quer dizer ou das necessidades de clareza do trecho.

Nós **compramos** o curso do Estratégia com desconto.  
Os meninos **comeram** um excelente almoço antes da prova.  
**Fizemos** todos os exercícios daquela apostila.  
**Quero saber** o porquê de tanta comoção nessa cidade.

- **Transitivo Indireto (VTI)**

O complemento aparece ligado ao verbo a partir da mediação de uma preposição. Essa preposição é considerada necessária pela natureza do verbo e não se relaciona ao contexto discursivo. É só pensarmos que o verbo pedirá essa preposição obrigatoriamente.

Eles **precisam** de mais amor nas relações.  
**Assistimos** às séries sensacionais daquele canal.  
**Devemos obedecer** aos nossos pais sem pestanejar.

- **Transitivo Direto e Indireto (VTDI)**

O verbo apresenta dois complementos: um com preposição e outro sem. É interessante notar que nem sempre eles serão utilizados com essa transitividade. Precisamos, então, olhar para o contexto, a fim de entendermos o que o verbo apresenta como complementação.

O padre **perdoou** os pecados ao fiel.  
Finalmente **pagamos** a conta ao lojista.  
Minha mãe me **disse** que eu devo estudar bem mais.

## Vozes verbais

As vozes verbais são uma relação entre o sujeito de um determinado verbo e a ação desse verbo. Dizemos, então, que é uma relação semântica entre esses dois elementos tão importantes para a construção de significados dos enunciados. Assim, pressupõem-se dois elementos necessários para que um enunciado tenha voz: **existência do sujeito** (ainda que





indeterminado) e **não ser um verbo de ligação** (veremos que a “ação” é essencial a essa classificação. Bora que só bora!

Em português, são encontradas três vozes que serão exemplificadas a seguir.

- **Voz ativa**

É considerada a voz natural da língua portuguesa, pensando que é nela que, inicialmente, seriam construídos os enunciados. Assim, entendemos que essa voz apresenta as seguintes características:

- O sujeito pratica a ação verbal.
- Pode ocorrer com: verbos intransitivos e transitivos (em qualquer uma das três classificações).
- Não é “criada” por pronome.
- Pode apresentar verbo em construção simples ou com locução verbal.

Comparamos o material solicitado por mainha.

(Nesse caso, o sujeito pratica a ação de comprar o material solicitado.)

Os alunos assistiram à aula do Bola de Fogo animados.

(O sujeito pratica a ação de assistir às aulas.)

Quebraram as lâmpadas daquela sala sem motivo.

(Ainda que o sujeito seja indeterminado, é quem pratica a ação.)

INDO MAIS  
FUNDO!



Os verbos **impessoais**, aqueles que não apresentam sujeito, são considerados verbos “sem voz”, dado que não conseguiremos fazer a correlação entre o sujeito e seu comportamento com relação à ação.

Os **verbos de ligação**, por não representarem uma ação, não são verbos que apresentam voz, dado que não há como relacionar o sujeito e a ação praticada.

Por fim, quando temos **índice de indeterminação do sujeito**, uma partícula “se”, teremos sempre **voz ativa**. Salvo nos casos em que ela aparecer com um verbo de ligação.

- **Voz passiva**

Na voz passiva, temos o sujeito recebendo a ação verbal, ou seja, não é o sujeito o responsável por praticar a ação do verbo, mas, nesse caso, de sofrê-la. É interessante notar que teremos uma possível confusão de classificação. Essa voz apresenta-se com as seguintes características.

- O sujeito recebe a ação verbal.
- Só ocorre com: verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos. Isso se justifica pela necessidade de um elemento sintático que “receba” a ação verbal.
- Apresenta-se em duas formas: **analítica** e **sintética**.

As árvores foram destruídas durante o incêndio.  
(Nesse caso, “as árvores” sofrem a ação de ser destruídas.)

Podem-se esperar muitas novidades naquele cursinho top.  
(Nesse caso, temos o sujeito “muitas novidades” sofrendo a ação.)

A noção de “sofrer a ação do verbo” é mais clara na forma analítica, como percebemos na primeira frase. Por isso, é interessante transformarmos as formas sintéticas para a analítica para “testar” essa passividade: Muitas novidades podem ser esperadas naquele cursinho top.

### 1) Voz passiva analítica

Nessa forma da voz passiva, temos as seguintes características:



- É formada por sujeito paciente.
- Apresenta-se com locução verbal, usualmente com verbo “ser” e particípio do verbo principal.
- Pode apresentar “agente da passiva”, o elemento responsável pela ação do verbo (não é sujeito da passiva).
- Aceita a passagem para a voz ativa.

O computador foi consertado pelo técnico.

(Nesse caso, o sujeito “o computador” sofre a ação de ser consertado. “Pelo técnico” é quem pratica a ação e é classificado como “agente da passiva”.)

O livro foi elaborado pelo Bola de Fogo, após muitas pesquisas.

(Nesse caso, o sujeito “o livro” sofre a ação de ser elaborado. “Pelo Bola de Fogo” é quem pratica a ação e é classificado como “agente da passiva”.)

O livro já foi disponibilizado na área do aluno.

(Nesse caso, o sujeito “o livro” sofre a ação de ser disponibilizado. Nesse caso, não temos “agente da passiva”.)

TOME  
NOTA!



A voz passiva **não apresenta**, nunca, **objeto direto**. Isso se justifica pelo fato de que o objeto direto da voz ativa passa a sujeito da voz passiva, como veremos logo à frente.

O **agente da passiva** só pode aparecer na forma **analítica** da voz passiva, nunca na forma **sintética** dessa voz. Atente-se para isso!

## 2) Voz passiva sintética

A voz passiva sintética apresenta as seguintes características:

- O sujeito recebe a ação verbal.
- Só ocorre com: verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos.
- É chamada, ainda, de voz passiva pronominal, dado que necessita da “bonitinha” Partícula Apassivadora, um pronome “se”.
- Apresenta somente o verbo principal (pode ser uma locução verbal, mas não formada pelo verbo “ser”).
- Nem sempre aceita uma transposição natural para a analítica.

Vendem-se casas e apartamentos novos na Asa Sul de Brasília.  
(Nesse caso, temos “casas e apartamentos novos” como o sujeito do verbo “vender”, que está na forma sintética da voz passiva.)

Podem-se apontar problemas estruturais sérios no país.  
(Nesse caso, temos “problemas estruturais sérios” como o sujeito do verbo “podem-se encontrar”, que está na forma sintética da voz passiva.)

**A concordância deve ser obedecida nesse tipo de voz! Atente-se para o sujeito da estrutura.**

A transposição para a voz passiva se dá da seguinte forma:

**Os alunos** apresentaram **um trabalho excelente** na aula.

**Um trabalho excelente** foi apresentado **pelos alunos** na aula.

A transposição para a voz passiva sintética, nesse caso, seria:  
**Apresentou-se** um excelente trabalho na aula.

No processo de transposição apresentado, nota-se que o objeto direto “um trabalho excelente” (na voz ativa – a primeira oração) se torna sujeito da voz passiva, a segunda oração. Isso é justificado pelo fato de que os objetos diretos são entendidos semanticamente como elementos que terminam por sofrer as ações verbais.

Além disso, nota-se que “os alunos”, sujeito da voz ativa, passa a agente da passiva na voz passiva analítica, que apresenta uma locução verbal com o verbo principal “apresentaram”. Como temos modificação do sujeito, notem que há modificação da forma verbal quanto à concordância.



Por fim, notem que a voz passiva sintética não apresentará o agente da passiva, como colocamos no box acima.

- **Voz reflexiva**

A voz reflexiva é como que uma “soma” entre as duas primeiras apresentadas. Entendemos, nela, que o sujeito pratica, em si mesmo, a ação verbal. Observemos as características dessa voz.

- É formada por sujeito reflexivo, que pratica, em si mesmo, a ação verbal.
- Apresenta-se com “pronome reflexivo”.
- Por conta da passividade, só pode ocorrer com os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos.

Cortou-se com uma faca cega.

(Nesse caso, ainda que não tenhamos o sujeito expreso – classificado como indeterminado – o pronome não será responsável pela indeterminação, mas pela indicação de que esse sujeito não expreso praticou em si mesmo a ação de se cortar.)

Professor e aluno abraçaram-se efusivamente após a pandemia.

(Nesse caso, o sujeito é composto e entendemos que o professor abraça o aluno enquanto é abraçado por ele. Assim, o sujeito está praticando, em si mesmo, a ação verbal.)

Depois de sair do banho, a menina penteou-se calmamente.

(Nesse caso, nota-se que o sujeito “a menina” pratica, em si mesma, a ação de pentear-se.)

INDO MAIS  
FUNDO!



Alguns elementos devem ser considerados com relação a essa voz verbal.

- 1) O pronome reflexivo desempenhará a função sintática de **objeto direto reflexivo**.
- 2) Há possibilidade, como no segundo exemplo da página anterior, de valor **recíproco** na voz reflexiva. Normalmente, classificamos como “pronome reflexivo recíproco”.
- 3) É comum, como no primeiro exemplo, que apareçam os chamados **adjuntos adverbiais de instrumento** nessas construções.
- 4) Alguns verbos, como **suicidar-se**, não são considerados reflexivos, uma vez que a ação só pode ser praticada sobre eles mesmos.



## 4 Exercícios

Chegou a hora de nossa prática, Bolas de Fogo. Nesses exercícios, encontraremos, como estamos fazendo desde a aula 05, exercícios de interpretação para que o treinamento continue. Nessa aula em específico, eles são trazidos no final da lista, mesclando conhecimentos de interpretação com elementos linguísticos, por isso a escolha de cinco exercícios do ENEM. Serão somente 5 e não 10, como fizemos na aula anterior, dada a quantidade de questões do conteúdo dessa aula!

Bora que só bora, bolas de fogo!

### 1. (UNESP/2019)

Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de *S. Bernardo*, considereei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios





desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

- a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)
- b) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10º parágrafo)
- c) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.” (3º parágrafo)
- d) “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5º parágrafo)
- e) “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6º parágrafo)

## 2. (ITA/2019)

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros



espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafais: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”.

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me falem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um



olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. **Correio do Estado**, fev 2018. Disponível em Acesso em: ago. 2018.

Por ser uma crônica, o texto apresenta formas coloquiais, que por vezes distanciam o texto da norma padrão da língua portuguesa. Assinale a alternativa em que ocorre desvio da norma culta.

- a) Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão.
- b) O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro .....da lama de Woodstock [...]
- c) Depois arriscaria uma frase que criei e gosto [...]
- d) Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão [...]
- e) Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar...

### 3. (FUVEST/2018)

O rumor crescia, condensando se; o zunzum de todos os dias acentuava se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam se\* discussões e rezingas\*\*; ouviam se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava se. Sentia se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

\* ensarilhar se: emaranhar se.

\*\* rezinga: resmungo

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- (A) “mas um só ruído compacto” (l. 2).
- (B) “ouviam se gargalhadas” (l. 3).
- (C) “o prazer animal de existir” (l. 6).
- (D) “gritou ela para baixo” (l. 10).



(E) “bata na porta” (l. 11).

#### 4. (UNESP/2018)

Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? *Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.*

(*Bem-vindo ao deserto do real!*, 2003.)

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...]”

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- a) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.
- b) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- c) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- e) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

#### 5. (UFRGS/2017)

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei 1 ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer 2, 3 e o Brasil que designa um povo, uma 4 nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida 5, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de 6 se reproduzir como sistema. 7 Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, 8 isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre 9 si 10; como é que cada um depende do outro; e 11 como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de “12 pátria”.



13Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses 14ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os “15jeitos” de cada grupo humano. 16Trata-se, sempre, da questão de identidade.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? 17A pergunta, 18na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, 19o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos 20português e não 21francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “22coisas” (e de experiências) 23para se construir como algo único.

24Nessa perspectiva, a chave para entender a 25sociedade brasileira é uma 26chave dupla. 27E, 28para mim, a capacidade relacional – do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, 29portanto, discutir o Brasil como uma 30moeda. Como algo que tem dois lados. 31E mais: como uma realidade que nos tem 32iludido, precisamente porque 33nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o 34brasil, 35Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: \_\_\_\_\_. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

- a) como os dois formam uma realidade única (ref. 11) – como uma realidade única é formada pelos dois.
- b) Trata-se, sempre, da questão de identidade (ref. 16) – é tratado, sempre, da questão de identidade.
- c) A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante (ref. 17) – algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.
- d) o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses (ref. 19) – portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.
- e) nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora (ref. 33) – esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

## 6. (UNESP/2016)



"Caro filho. Como você está? Sua mãe e eu estamos bem. Sentimos saudades, esperamos que você esteja indo bem também. Estamos ansiosos para revê-lo na próxima vez que seu computador travar e você descer para comer alguma coisa. Com amor, sua mãe e seu pai."

(Randy Glasbergen. <http://4.bp.blogspot.com>. Acesso em: 18.04.2014)

Assinale a alternativa que completa a frase a seguir com a forma verbal correta.

Esperamos revê-lo na próxima vez que você...

- a) trazer seu filho para visitar os avós.
- b) ter tempo para tomar um café conosco.
- c) obtiver licença no trabalho.
- d) vir à cidade a passeio.
- e) querer assistir a uma peça de teatro.

## 7. (UEG/2016)

Eu falo  
tu ouves  
ele cala.

Eu procuro  
tu indagas  
ele esconde.

Eu planto  
tu adubas  
ele colhe.

Eu ajunto

tu conservas  
ele rouba.

Eu defendo  
tu combates  
ele entrega.

Eu canto  
tu calas  
ele vaia.

Eu escrevo  
tu me lê  
ele apaga.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Poesia reunida**: 1965-1999. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 157-158

Tradicionalmente são consideradas antônimas palavras cujos significados estão em oposição entre si. Considerando-se isso, verifica-se no poema “Conjugação”, de Affonso Romano de Sant’Anna, que

- a) o fato de usar versos curtos, com apenas duas ou três palavras, dificulta a compreensão das oposições lexicais e enfraquece a estética do poema.
- b) as oposições de sentido são apresentadas de forma dicotômica no poema, já que as oposições ocorrem apenas em agrupamentos bipolares.
- c) as palavras apresentam oposição de sentido de vários modos distintos, de acordo com o texto em que ocorrem e com seu contexto de uso.
- d) o uso de três verbos diferentes em cada estrofe do poema tem como meta semântica a construção de um significado econômico.

## 8. (2017/UECE)

A partir dos anos 20, com os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu grupo, a língua passou a ser vista como um fenômeno social e os enunciados passaram a ser considerados como uma grande rede responsiva: cada enunciado responde a enunciado anterior e, ao mesmo tempo, espera resposta de um outro enunciado posterior.





## **Super-Homem**

(A Canção)

I

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que eu quisesse ter

II

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

III

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe quem dera

Ser no verão o apogeu da primavera

E só por ela ser

IV

Quem sabe

O Super-homem venha nos restituir a glória

Mudando como um deus o curso da história

Por causa da mulher

Gilberto Gil. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/search.php?q=super%20homem>.

A divisão do texto Super-Homem em partes ou apartados nos mostra uma estrutura bem delimitada com uma sequência lógica que facilita sua compreensão. A atenção aos verbos empregados no poema é indispensável para que se possa explorar o sentido do texto.

Relacione as quatro estrofes do poema aos comentários apresentados a seguir, numerando-os de I a IV, de acordo com cada uma delas.

( ) Revela esperança débil e frouxa, e expectativa. Esses dois sentimentos são linguisticamente manifestados por uma interjeição e um verbo no subjuntivo. Aparece, ainda, um gerúndio, demarcando a maneira como ocorre a ação.



- ( ) Expressa o tempo presente, dentro do qual se divisa um passado anterior a outro passado.
- ( ) Foi estruturada de modo a expressar desejo e vontade, função que se realiza com o uso da interjeição e de uma forma do subjuntivo.
- ( ) Inicia-se com uma expressão indicativa de tempo, mas de um tempo indeterminado. O emprego do pretérito perfeito sugere que a ação indicada pelo verbo já está concluída. Os recursos linguísticos empregados na estrofe imprimem, na mente do leitor, a inviabilização do que seria o desejo do sujeito lírico.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) IV, II, III, I.
- b) III, I, II, IV.
- c) II, IV, III, I.
- d) II, I, III, IV.

## 9. (UNESP/2016)

Observe a charge.



(Alpino. <https://fbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net>. Acesso em: 20.05.2014)

Entre as frases que retomam a cena, empregou-se voz passiva em:

- a) O carrinho não era um brinquedo eletrônico, por esse motivo não possuía entrada USB.
- b) O carrinho foi analisado atentamente pelo garoto, mas o menino não conseguiu encontrar a entrada USB.
- c) A entrada USB não existia, pois, para movimentar o carrinho, o próprio garoto deveria puxá-lo pela corda.
- d) Ao admirar o novo brinquedo, a criança disse ao pai que não estava achando a entrada USB.
- e) Ao admirar o novo brinquedo, o filho comentou com o pai que não estaria vendo a entrada USB.

## 10. (UFRGS/2015)

À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, 14Chagas e Silva ópostava-se de palito à boca, como 19se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. 8Longe 21disso! A Rua da Praia que 23o diga, ou 22melhor, que o dissesse. 24O faz de conta do 7inefável personagem 5ligava-se mais à 25importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. 15Ele, que tanto marcou a rua, tinha 27franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava 28dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e 10uns olhinhos apertados na 1\_\_\_\_\_ bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, 29era o 9toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. 16Fixou-20se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de 12indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. 17Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e 11fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas 33e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro.

Não era de meu propósito 31ocupar-me do "doutor" Chagas 34e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, 30dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. 18Essas casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e 2\_\_\_\_\_ período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a 26dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados 3\_\_\_\_\_ maiores ou menores, tabernas 35ou simples tascas. A Cidade 32divertia-se também 13pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

Considere as afirmações abaixo, a respeito dos tempos verbais utilizados no texto.

- I. Os verbos era (ref. 29) e dispunha (ref. 30) estão conjugados no mesmo tempo e modo.
- II. Todos os verbos do primeiro parágrafo estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo, porque fazem referência a rotinas e hábitos do passado.
- III. Os verbos ocupar-me (ref. 31) e divertia-se (ref. 32) estão conjugados no modo subjuntivo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.



- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

### 11. (UEL/2015)

A cavalgada, que lenta 8subira a encosta, 9descia-3a rapidamente enquanto Atanagildo, visitando os muros, 1exortava os guerreiros da cruz a 2pelejem esforçadamente. Quando 4estes souberam quais eram as intenções dos árabes acerca das virgens do mosteiro, a atrocidade do sacrilégio afugentou-5lhes dos corações a menor sombra de hesitação. Sobre as espadas juraram 6todos combater e morrer como godos. Então o quingentário, a 6quem parecia animar sobrenatural ousadia, correu ao templo.

HERCULANO, A. **Eurico, o presbítero**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p.107.

Sobre os verbos “subira” (ref. 8), “descia” (ref. 9) e “exortava” (ref. 1), presentes no trecho, assinale a alternativa correta.

- a) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no tempo verbal pretérito perfeito, pois indicam um fato que aconteceu em um momento passado e foi concluído. Todos estão no modo indicativo.
- b) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois expressam a duração de um fato que ocorreu no passado e foi concluído. Os dois primeiros estão no modo indicativo, enquanto “exortava” está no imperativo, pois expressa ordem.
- c) O verbo “subira” está no futuro do presente, pois indica um fato que ainda ocorrerá; os verbos “descia” e “exortava” estão no futuro do pretérito, pois indicam ações que aconteceriam. Todos estão no modo indicativo.
- d) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um fato que aconteceu antes de outro fato no presente; já os verbos “exortava” e “descia” estão no imperfeito do subjuntivo, pois expressam desejos ou hipóteses.
- e) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um processo que ocorreu antes de um outro fato, também no passado; os verbos “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois indicam um processo que ocorreu no passado, expressando sua duração, e que não foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

### 12. (FUVEST/2014)

#### O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à



esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**).

No contexto, a locução “Heis de cair”, na última linha do texto, exprime:

- a) resignação ante um fato presente.
- b) suposição de que um fato pode vir a ocorrer.
- c) certeza de que uma dada ação irá se realizar.
- d) ação intermitente e duradoura.
- e) desejo de que algo venha a acontecer.

### 13. (UNESP/2014)

Considere a passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

#### **Água-Mãe**

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele back, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:

– Joca, você aqui não paga.

No primeiro parágrafo, predominam verbos empregados no

- a) pretérito perfeito do modo indicativo.
- b) pretérito imperfeito do modo indicativo.
- c) presente do modo indicativo.
- d) presente do modo subjuntivo.
- e) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

### 14. (UNESP/2013)



Considere dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de *software* na educação.

*Software* Livre, isto é, *software* que respeita as liberdades dos usuários de executar o *software* para qualquer propósito, de estudar o código fonte do *software* e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do *software*, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

*Software* que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo *software*. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não-Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão. [...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do *software* para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o *software* armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do *software* saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o *software* funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do *software*. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao *software*: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o *software* que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do *software*, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de *software* baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

(Alexandre Oliva. **Software privativo é falta de educação**. <http://revista.espiritolivres.org>)

[...] cerceia a curiosidade e a criatividade do educando.

A forma verbal cerceia, nesta frase do último parágrafo, significa:

a) contamina.



- b) reforça.
- c) restringe.
- d) cerca.
- e) estimula.

**15. (FUVEST/2012)**

<sup>1</sup>Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua <sup>5</sup>desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão <sup>10</sup>externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, **Evolução política do Brasil**. Adaptado.

No contexto, o verbo “enche” (L. 2) indica

- a) habitualidade no passado.
- b) simultaneidade em relação ao termo “ascensão”.
- c) ideia de atemporalidade.
- d) presente histórico.
- e) anterioridade temporal em relação a “reino lusitano”.

**16. (FUVEST/2012)**

**RECEITA DE MULHER**

As muito feias que me perdoem  
Mas beleza é fundamental. É preciso  
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso  
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture*\*  
Em tudo isso (ou então  
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).  
Não há meio-termo possível. É preciso  
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito  
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto



Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

\* "haute couture": alta costura.

Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

- a) indicativo; expressar verdades universais.
- b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
- c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
- d) indicativo; relacionar ações habituais.
- e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

## 17. (FUVEST/2011)

<sup>1</sup>Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a <sup>5</sup>Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

– Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

<sup>10</sup>– Sim, eu também sangro...

– Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

– Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

<sup>15</sup>– Pois já não disse que sabe também sangrar?

– Sim...

– Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo <sup>20</sup>aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o <sup>25</sup>médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para <sup>30</sup>o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**.

Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:





- a) “era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo”.
- b) “você estava bem bom, se quisesse ir conosco”.
- c) “Pois já não disse que sabe também sangrar?”.
- d) “de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro”.
- e) “logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros”.

### 18. (FUVEST/2001)

A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:

- a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.
- b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.
- c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.
- d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.
- e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.

### 19. (UFU/2019.2)

A indústria do *fitness* nasceu com a missão de cuidar da saúde, mas, devido a interesses comerciais e mercadológicos, perdeu o rumo. Imagine uma cesta de maçãs em que uma fruta podre começa a contaminar todas as outras. Atualmente, grande parte dessa cesta já está contaminada e, quanto mais tempo demormos para encarar essa realidade, **mais letal se tornará esse processo**. Afinal, como viemos parar aqui? Como a indústria do corpo se tornou uma grave questão de saúde pública? Vou tentar espremer doze anos de estudo em algumas linhas. De início, esclareça-se. Não podemos generalizar, pois existem milhões de pessoas que se beneficiam da indústria do *fitness*, mas mesmo elas devem entender o que fazem, e o que há por trás de um movimento tão hegemônico.

Veja, Ed. 2598, ano 51, nº 36, 5 de setembro. 2018. p. 75. (Fragmento)

No texto, a oração em destaque

- A) exprime um fato simultâneo ao fato expresso na oração anterior.
- B) expressa um fato que está de acordo com o que se declara na oração anterior.
- C) estabelece condição para que se realize ou se deixe de realizar o fato expresso na oração anterior.
- D) estabelece gradação entre o processo verbal que exprime e aquele declarado na oração anterior.

### 20. (UFU/2019.2)



No nada. Era em um lugar assim, no meio do mato, sem sinal de celular, longe do trânsito, da pressão do trabalho e dos motivos que o **levaram** a um quadro de arritmia cardíaca, que o advogado gaúcho José Henrique Costa, 52, **pretendia** passar as últimas férias. "Queria um destino em que pudesse manter algumas práticas que comecei depois que tive um quadro grave de estresse, como ioga, meditação e nadismo, que conheci pela internet", diz.

Nadismo é um movimento que, como diz o nome, consiste em incentivar pessoas a passar algumas horas fazendo, literalmente, coisa nenhuma. Nada mesmo, lhufas, patavina – basta ficar sentado ou deitado e se colocar em estado de inatividade. Quanto mais inútil, melhor.

MOLINERO, Bruno. Nada melhor do que não fazer nada. **Folha de S. Paulo**, Turismo D4, 10 de dezembro de 2015. (Fragmento)

As formas verbais em destaque indicam, respectivamente, uma ação

- A) passada em andamento; uma ação passada concluída.
- B) posterior a outra passada; uma ação anterior a outra passada.
- C) passada com duração no presente; uma ação anterior a outra passada.
- D) passada anterior a outra também passada; uma ação passada em andamento.

## 21. (UFU/2019.2)

Tocar no assunto remete a um Fla-Flu ou a Corinthians x Palmeiras em final de campeonato. De um lado, empedernidos, os defensores do livro impresso, trazendo-os junto ao peito, capas veneradas, metendo o nariz entre suas páginas, sentindo o cheirinho inebriante, degustando o prazer de abrir a primeira página, para em seguida fechá-lo novamente, mais alguns instantes admirando aquela obra de arte.

Do outro, os descolados e seus *tablets* e *e-readers* atraentes, com mil e uma funções, permitindo que o usuário, além de carregar consigo uma biblioteca que cabe na mochila ou no bolso, interaja em suas redes sociais enquanto faz um *download* do livro comprado há dois minutos em uma livraria digital.

Haverá aqueles que dirão que não é mais a mesma história, que os cinemas de rua morreram, que não há mais matinês como as da sua infância. Nostalgias à parte, a convivência entre as diversas linguagens é saudável e dá o tom aos novos tempos. *E-books* e livros em papel convivem harmoniosamente na bolsa de muita gente.

É o caso da produtora de eventos Caren Bianco, que se mudou para a Itália e não tinha como levar sua biblioteca a tiracolo. "Em um primeiro momento, senti um verdadeiro pavor. Leio muito e uso bastante a *internet*, porém não era consumidora de leitura digital de livros e revistas. Mas não tinha solução. Se eu quisesse ler, principalmente em português, teria de optar pelo e-book. Confesso que ainda prefiro o livro em papel, localizo melhor trechos que quero reler nesse formato, mas também confesso que é muito prático carregar as minhas obras preferidas para todo canto e lugar", pondera.



Os dois modelos carregam vantagens e desvantagens. Se um, por seu lado, nos remete a um mundo muito particular só de tocá-lo ou cheirá-lo, o outro traz a possibilidade de ser acessado com poucos cliques. Se um, porém, pesa no transporte de lá para cá, o outro cansa a vista com sua luminosidade. Mas podem conviver harmoniosamente.

Conhecimento Prático. **Língua Portuguesa**, ano 8, ed. 69, fevereiro/março, 2018. p. 23-25. (Adaptado)

Com base nas relações que ocorrem entre os elementos internos ao texto, analise as afirmativas.

- I. Em "**Tocar** no assunto remete a um Fla-Flu ou a Corinthians x Palmeiras em final de campeonato.", a forma verbal em destaque apresenta um processo verbal em si mesmo, sem qualquer noção de tempo ou modo, mas relacionado a um ser.
- II. No quarto parágrafo, o discurso relatado cumpre, primordialmente, o papel de sustentar a tese de que há convivência harmoniosa entre e-books e livros.
- III. Em "**Haverá** aqueles que **dirão** que não é mais a mesma história [...]", as formas verbais em destaque indicam essencialmente posterioridade em relação ao momento da enunciação.
- IV. Em "Se um, porém, pesa no transporte de **lá** para **cá**, o outro cansa a vista com sua luminosidade.", os termos em destaque se referem à Itália e ao Brasil.

Assinale a alternativa que contém somente as afirmativas corretas.

- A) I e IV.
- B) I e II.
- C) III e IV.
- D) II e III.

## 22. (UFU/2017.2)

Analise a presença da partícula se nos exemplos abaixo. A seguir, faça a correspondência dos exemplos com as explicações dadas.

- I. Se você não chegar cedo, teremos de improvisar um apresentador para o recital.
- II. Com tantos problemas, vive-se um dia de cada vez.
- III. Os irmãos, João e Luísa, deram-se as mãos.
- IV. Naquele condomínio, vendem-se casas.

( ) O se, no exemplo, indica que a frase está na voz passiva, ou seja, o sujeito sofre a ação praticada por outro agente.



- ( ) O se, nesse caso, é chamado de índice de indeterminação do sujeito. É utilizado em frases cujo sujeito é indeterminado.
- ( ) O se, no exemplo, é pronome pessoal. Nesse caso, a ação envolve dois sujeitos, sendo que um pratica a ação sobre o outro e, portanto, ambos sofrem a consequência da ação praticada.
- ( ) O se, nesse caso, indica uma condição para a oração principal.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- A) IV, III, II, I
- B) III, II, I, IV
- C) II, I, IV, III
- D) IV, II, III, I

### 23. (UFU/2016.2)

Na Olimpíada da crise, os convidados especiais não vão contar assim com tanta mordomia. Graças à baixa procura e ao desinteresse dos patrocinadores, o comitê organizador dos Jogos está com dificuldade de erguer camarotes para algumas modalidades. O de vôlei de praia, esporte no qual o Brasil é destaque, não vai dispor da estrutura. O camarote para o tênis, no Parque Olímpico, também foi cancelado. A construção **ocorre** apenas se os pedidos **são** suficientes para compensar os custos.

**Veja**, ed. 2460, ano 49, nº. 2, 13 de janeiro de 2016, p. 29.

No último período do texto, as formas verbais em destaque foram empregadas para

- A) expressar temporalmente o futuro.
- B) representar eventos sem historicidade.
- C) expressar fatos que independem do tempo cronológico.
- D) expressar atitude do enunciador.

### 24. (UFU/2016.2)

Assinale a alternativa cujo termo em negrito exprime um fato que NÃO pertence a um tempo determinado.

- A) Em 2014, uma tendência se consolidou: produtos digitais estão cada vez mais sendo vendidos do mesmo jeito que a maioria das churrascarias **serve** carne: em sistemas de rodízio. Mas isso não quer dizer que o modelo esteja decidido. (*Superinteressante*, ed. 34, fev. 2015, p. 20)
- B) As inovações dão fôlego à civilização: quando um novo passo da ciência origina um produto disruptor, **surgem** mercados que alimentam a economia. (*Veja*, 3 dez. 2014)
- C) Especialistas **têm desenvolvido** treinos que ajudam a restaurar o equilíbrio. A reabilitação vestibular, por exemplo, envolve atividades para os olhos e a cabeça que



buscam estimular o cérebro a lidar com sinais distorcidos que vêm da orelha interna. (*Mente e Cérebro*, Ano XXI, No 265, p.31)

- D) A busca por inovar, uma capacidade (até onde se sabe) exclusiva do Homo Sapiens, é o motor das engrenagens da civilização. Inovações, sempre nascidas para solucionar necessidades pulsantes da humanidade, **levam** a transformações definitivas no modo como produzimos e dão início a mudanças profundas nas relações humanas. (*Veja*, 3 dez. 2014)

## 25. (UFU/2014.2)

Trocar o dia pela noite faz mal à saúde, avisa um time de pesquisadores do Centro Médico da Universidade do Texas, em Dallas. A pesquisa acaba de ser publicada na revista *Science* e pode desmentir a mística de que certas tarefas mentais podem ser estimuladas se embaladas pelo silêncio inspirador e criativo das madrugadas.

DA EDIÇÃO. Boa noite para você. **Carta Capital**. São Paulo: Editora Confiança. Ano XIX, n. 775, 20 nov., 2013. p. 83. (fragmento)

No fragmento, o verbo “avisa”, presente no trecho “Trocar o dia pela noite faz mal à saúde, avisa um time de pesquisadores do Centro Médico da Universidade do Texas, em Dallas”, confere a esse enunciado um tom de

- A) conselho.
- B) advertência.
- C) esclarecimento.
- D) proibição.

## 26. (Fuvest – 1ª fase/2009)

Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: “Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada”. Relê Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-réis...

Machado de Assis. **Dom Casmurro**.

As formas verbais “Tinham passado” e “viriam” traduzem ideia, respectivamente, de anterioridade e de posterioridade em relação ao fato expresso pela palavra

- a) “explicam”.
- b) “estada”.



- c) “passagem”.
- d) “dizíamos”.
- e) “montava”.

**27. (Fuvest – 1ª fase/2006)**

No trecho “Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva”, o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por: “Sem que nem ao menos se:

- a) deem as mãos”.
- b) davam as mãos”.
- c) deram as mãos”.
- d) dessem as mãos”.
- e) dariam as mãos”.

**28. (Fuvest – 1ª fase/2006)**

Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

- a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.
- b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.
- c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.
- d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.
- e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

**29. (Fuvest – 1ª fase/2006)**

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para conhecer o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.

Amyr Klink, **Mar sem fim**.

A repetição de “precisa viajar” acentua, no contexto, o valor daquelas experiências que



- a) se traduzem na exploração de nossa plena capacidade imaginativa.
- b) concretizam o aprendizado das diferenças que formam a identidade pessoal.
- c) ratificam a convicção de quem julga conhecer o que apenas imaginou.
- d) acabam comprovando a importância de se viver tudo o que se planejou.
- e) reforçam a simplicidade do prazer de um cotidiano sem surpresas.

**30. (Fuvest – 1ª fase/2005)**

Considere as seguintes frases:

- I. O autor do texto assistiu ao filme sobre Cazuza.
- II. O filme provocou-lhe uma viva e complexa reação.
- III. Sua reação mereceu uma análise.

O período em que as frases acima estão articuladas de modo correto e coerente é:

- a) Tendo assistido ao filme sobre Cazuza, este provocou o autor do texto numa reação tão viva e complexa que lhe mereceu uma análise.
- b) Mereceu uma análise, a viva e complexa reação, provocadas pelo filme que o autor do texto assistiu sobre Cazuza.
- c) A reação que provocou no autor do texto o filme sobre Cazuza foi tão viva e complexa que mereceu uma análise.
- d) Foi viva e complexa a reação, que aliás mereceu uma análise, provocado pelo filme sobre Cazuza, que o autor assistiu.
- e) O filme sobre Cazuza que foi assistido pelo autor provocou-lhe uma reação viva e complexa, que a sua análise foi merecida.

**31. (UNESP/2019)**

Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

- (A) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)
- (B) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10º parágrafo)
- (C) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.” (3º parágrafo)
- (D) “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5º parágrafo)
- (E) “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6º parágrafo)



**32. (UNESP/2018.2)**

Ao se converter o trecho “Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela” (7º parágrafo) para o discurso direto, o verbo “confessara” assume a forma:

- (A) confessei.
- (B) confessou.
- (C) confessa.
- (D) confesso.
- (E) confessava.

**33. (UNESP/2018.2)**

“O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante”.

Preservando-se a correção gramatical e o seu sentido original, essa oração pode ser reescrita na forma:

- a) Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante.
- b) Adiciona-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçantes.
- c) Eram adicionadas às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- d) Adicionam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- e) Adicionavam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.

**34. (UNESP/2018.2)**

Em “Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos” (1º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo

- a) transitivo direto.
- b) intransitivo.
- c) de ligação.
- d) transitivo indireto.
- e) transitivo direto e indireto.

**35. (UNESP/2018) Texto omitido por não ser necessário à resposta da questão.**

“Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.” (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.





- b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.
- c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
- d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
- e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

**36. (UNESP/2018)**

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...]”

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- a) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.
- b) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- c) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- e) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

**37. (UERJ/2020)**

**SOBREVIVEREMOS NA TERRA?**

Tenho interesse pessoal no tempo. Primeiro, meu *best-seller* chama-se *Uma breve história do tempo*. Segundo, por ser alguém que, aos 21 anos, foi informado pelos médicos de que teria apenas mais cinco anos de vida e que completou 76 anos em 2018. Tenho uma aguda e desconfortável consciência da passagem do tempo. Durante a maior parte da minha vida, convivi com a sensação de que estava fazendo hora extra. (...)

STEPHEN HAWKING (1942-2018) Adaptado de **Breves respostas para grandes questões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

***Segundo, por ser alguém que, aos 21 anos, foi informado pelos médicos de que teria apenas mais cinco anos de vida e que completou 76 anos em 2018. (l. 2-3)***

Os verbos sublinhados descrevem dois fatos que podem ser caracterizados, respectivamente, como:

- (A) hipotético – realizado
- (B) inconcluso – eventual
- (C) contínuo – momentâneo
- (D) repetitivo – retrospectivo



**38. (UERJ/2019.2)**

***Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo.***

No trecho, a forma verbal sublinhada expressa uma ação que se caracteriza como:

- (A) interrompida
- (B) simultânea
- (C) concluída
- (D) reiterada

**39. (UFPR/2020)**

Diverti-me imensamente com a história dos imbecis da web. Para quem não acompanhou, foi publicado em alguns jornais e também on-line que no curso de uma chamada *lectio magistralis* em Turim eu teria dito que a web está cheia de imbecis. É falso. A *lectio* era sobre um tema completamente diferente, mas isso mostra como as notícias circulam e se deformam entre os jornais e a web. A história dos imbecis surgiu numa conferência de imprensa durante a qual, respondendo a uma pergunta que não me lembro mais, fiz uma observação de puro bom senso. Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar – e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito. Hoje uma parte consistente dessas pessoas tem a possibilidade de expressar as próprias opiniões nas redes sociais e, portanto, tais opiniões alcançam audiências altíssimas e se misturam com tantas outras ideias expressas por pessoas razoáveis. [...]

É justo que a rede permita que mesmo quem não diz coisas sensatas se expresse, mas o excesso de besteira congestionava as linhas. E algumas reações descompensadas que vi na internet confirmam minha razoabilíssima tese. Alguém chegou a dizer que, para mim, as opiniões de um tolo e aquelas de um ganhador do prêmio Nobel têm a mesma evidência e não demorou para que se difundisse viralmente uma inútil discussão sobre o fato de eu ter ou não recebido um prêmio Nobel – sem que ninguém consultasse sequer a Wikipédia.

(Umberto Eco – **Os imbecis e a imprensa responsável**, 2017.)

**No trecho “Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar - e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito”, as orações, cujos inícios estão sublinhados, correspondem, respectivamente, a:**

- a) uma suposição e uma explicação.
- b) uma explicação e uma conclusão.



- c) uma causa e uma consequência.
- d) uma concessão e uma explicação.
- e) uma hipótese e uma consequência.

**40. (UFPR/2017)**

**As duas estrofes a seguir iniciam o poema Y-Juca-Pyrama de Gonçalves Dias, publicado em 1851.**

No meio das tabas de amenos verdores  
Cercadas de troncos – cobertos de flores,  
Alteião-se os tectos d’altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos animos fortes,  
Temiveis na guerra, que em densas cohortes  
Assombrão das matas a imensa extensão

São rudes, severos, sedentos de gloria,  
Já prelios incitão, já cantão victoria,  
Já meigos attendem a voz do cantor:  
São todos tymbiras, guerreiros valentes!  
Seu nome la vòa na bocca das gentes,  
Condão de prodigios, de gloria e terror!

*Últimos Cantos, Gonçalves Dias*

Nesse trecho, o poeta apresenta a tribo dos timbiras. Constatamos, sem dificuldades, que a ortografia da época era, em muitos aspectos, diferente da que usamos atualmente. Tendo isso em vista, considere as seguintes afirmativas:

1. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo não eram acentuadas naquela época, diferentemente de hoje.
2. As formas verbais se alternam entre presente e futuro do presente do indicativo, com a mesma terminação.
3. A 3ª pessoa do plural dos verbos do presente do indicativo se diferencia graficamente da forma atual.
4. Os monossílabos tônicos perderam o acento na ortografia contemporânea.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.



- b) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

#### 41. (ENEM - 2ª aplicação/2019)

As montanhas correm agora, lá fora, umas atrás das outras, hostis e espectrais, desertas de vontades novas que as humanizem, esquecidas já dos antigos homens lendários que as povoaram e dominaram.

Carregam nos seus dorsos poderosos as pequenas cidades decadentes, como uma doença aviltante e tenaz, que se aninhou para sempre em suas dobras. Não podendo matá-las de todo ou arrancá-las de si e vencer, elas resignam-se e as ocultam com sua vegetação escura e densa, que lhes serve de coberta, e resguardam o seu sonho imperial de ferro e ouro.

PENNA, C. **Frenteira**. Rio de Janeiro: Artium, 2001.

As soluções de linguagem encontradas pelo narrador projetam uma perspectiva lírica da paisagem contemplada. Essa projeção alinha-se ao poético na medida em que

- (A) explora a identidade entre o homem e a natureza.
- (B) reveste o inanimado de vitalidade e ressentimento.
- (C) congela no tempo a prosperidade de antigas cidades.
- (D) destaca a estética das formas e das cores da paisagem.
- (E) captura o sentido da ruína causada pela extração mineral.

#### 42. (ENEM - 2ª aplicação/2019)

A identificação simbólica que existe na cultura esportiva pode ser um fator determinante nas ações potencialmente agressivas dos espectadores e torcedores de futebol. Essa identificação em indivíduos que não têm uma identidade própria pode levá-los a não perceber os limites entre a sua vida e a sua equipe, ou entre a sua vida e a vida de um ídolo (jogador), e, dessa forma, passar a viver suas emoções basicamente por meio de acontecimentos esportivos, do sucesso e da derrota de seu clube predileto. Alguns dos torcedores organizados dedicam a vida à sua torcida. Vivem para ela e, por ela, chegam a perder qualquer outra referência, pois é essa experiência compensatória que lhes dá identidade. A probabilidade de um indivíduo se tornar um torcedor fanático está diretamente relacionada com a construção da sua identidade. Por isso, é imprescindível o desenvolvimento de relações e valores próprios que o ajudarão a delinear o limite entre ele e a sua equipe, ou entre ele e um jogador de futebol.

REIS, H. H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê; Autores Associados, 2006 (adaptado).



Partindo da discussão sobre as relações entre o torcedor e seu clube, observa-se que o fanatismo futebolístico

- (A) deriva da falta de referências para a construção de valores morais em crise na sociedade.
- (B) está relacionado à fragilidade identitária, o que dificulta a dissociação entre sua vida e a de seu clube ou ídolo.
- (C) perde sustentação naqueles torcedores organizados que não conseguem separar as esferas pública e privada.
- (D) decorre do estabelecimento de uma identidade própria do indivíduo, forjada pela tutela do clube e de seus ídolos.
- (E) é restrito às torcidas jovens, que corrompem a identidade individual de seus torcedores em favor da identidade coletiva.

#### 43. (ENEM - 2ª aplicação/2019)

##### **Como a percepção do tempo muda de acordo com a língua**

Línguas diferentes descrevem o tempo de maneiras distintas – e as palavras usadas para falar sobre ele moldam nossa percepção de sua passagem.

O estudo “Distorção temporal whorfiana: representando duração por meio da ampulheta da língua”, publicado no jornal da APA (Associação Americana de Psicologia), mostra que conceitos abstratos, como a percepção da duração do tempo, não são universais.

Os autores não só verificaram uma mudança da percepção temporal conforme a língua falada como observaram que a transição de uma língua para outra por um mesmo indivíduo modificava sua estimativa de uma duração de tempo. Isso implica que visões diferentes de tempo convivem no cérebro de um indivíduo bilíngue.

“O fato de que pessoas bilíngues transitam entre essas diferentes formas de estimar o tempo sem esforço e inconscientemente se encaixa nas evidências crescentes que demonstram a facilidade com que a linguagem se entremeia furtivamente em nossos sentidos mais básicos, incluindo nossas emoções, percepção visual e, agora, ao que parece, nossa sensação de tempo”, disse o pesquisador ao site Quartz.

LIMA, J. D. Disponível em: [www.nexojornal.com.br](http://www.nexojornal.com.br). Acesso em: 24 ago. 2017.

O texto relata experiências e resultados de um estudo que reconhece a importância

- (A) da compreensão do tempo pelo cérebro.
- (B) das pesquisas científicas sobre a cognição.
- (C) da teoria whorfiana para a área da linguagem.
- (D) das linguagens e seus usos na vida das pessoas.
- (E) do bilinguismo para o desenvolvimento intelectual.



#### 44. (ENEM - 2ª aplicação/2019)

A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de linguistas que estão desenterrando as raízes do português brasileiro ao examinar cartas pessoais e administrativas, testamentos, relatos de viagens, processos judiciais, cartas de leitores e anúncios de jornais desde o século XVI, coletados em instituições como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Público do Estado de São Paulo. No acervo de documentos que servem para estudos sobre o português paulista está uma carta de 1807, escrita pelo soldado Manoel Coelho, que teria seduzido a filha de um fazendeiro. Quando soube, o pai da moça, enfurecido, forçou o rapaz a se casar com ela. O soldado, porém, bateu o pé: “Nem por bem, nem por mal!”, não se casaria. Um linguista pesquisador estranhou a citação, já que o fato se passava na Vila de São Paulo, mas depois percebeu: “Ele quis dizer ‘nem por bem, nem por mal!’. O soldado escrevia como falava. Não se sabe se casou com a filha do fazendeiro, mas deixou uma prova valiosa de como se falava no início do século XIX.”

FIORAVANTI, C. Ora pois, uma língua bem brasileira. **Pesquisa Fapesp**, n. 230, abr. 2015 (adaptado).

O fato relatado evidencia que fenômenos presentes na fala podem aparecer em textos escritos. Além disso, sugere que

- (A) os diferentes falares do português provêm de textos escritos.
- (B) o tipo de escrita usado pelo soldado era desprestigiado no século XIX.
- (C) os fenômenos de mudança da língua portuguesa são historicamente previsíveis.
- (D) as formas variantes do português brasileiro atual já figuravam no português antigo escrito.
- (E) as origens da norma-padrão do português brasileiro podem ser observadas em textos antigos.

#### 45. (ENEM - 2ª aplicação/2018)

##### Uma língua, múltiplos falares

Desde suas origens, o Brasil tem uma língua dividida em falares diversos. Mesmo antes da chegada dos portugueses, o território brasileiro já era multilíngue. Havia cerca de 1,2 mil línguas faladas pelos povos indígenas. O português trazido pelo colonizador tampouco era uma língua homogênea, havia variações dependendo da região de Portugal de onde ele vinha. Há de se considerar também que a chegada de falantes de português acontece em diferentes etapas, em momentos históricos específicos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, temos primeiramente o encontro linguístico de portugueses com índios e, além dos negros da África, vieram italianos, japoneses, alemães, árabes, todos com suas línguas. “Todo este processo vai produzindo diversidades linguísticas que caracterizam falares diferentes”, afirma um linguista da Unicamp. Daí que na mesma São Paulo pode-se encontrar modos de falar distintos como o de Adoniran Barbosa, que eternizou em suas composições o sotaque típico de um filho de imigrantes italianos, ou o chamado erre



retroflexo, aquele erre dobrado que, junto com a letra i, resulta naquele jeito de falar “cairne” e “poirta” característico do interior de São Paulo.

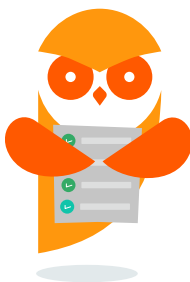
MARIUZZO, P. Disponível em: [www.labjor.unicamp.br](http://www.labjor.unicamp.br). Acesso em: 30 jul. 2012 (adaptado).

A partir desse breve histórico da língua portuguesa no Brasil, um dos elementos de identidade nacional, entende-se que a diversidade linguística é resultado da

- (A) imposição da língua do colonizador sobre as línguas indígenas.
- (B) interação entre os falantes de línguas e culturas diferentes.
- (C) sobreposição das línguas europeias sobre as africanas e indígenas.
- (D) heterogeneidade da língua trazida pelo colonizador.
- (E) preservação dos sotaques característicos dos imigrantes.

## 5 Gabarito

### GABARITO



- 1. A
- 2. C
- 3. E
- 4. D
- 5. A
- 6. E
- 7. C
- 8. A
- 9. B
- 10. A
- 11. E
- 12. C
- 13. B
- 14. C
- 15. D

- 16. C
- 17. B
- 18. E
- 19. D
- 20. B
- 21. D
- 22. D
- 23. A
- 24. A
- 25. B
- 26. C
- 27. D
- 28. D
- 29. B
- 30. C

- 31. A
- 32. B
- 33. A
- 34. D
- 35. B
- 36. D
- 37. A
- 38. C
- 39. E
- 40. B
- 41. B
- 42. B
- 43. D
- 44. D
- 45. B



## 6 Questões Resolvidas e Comentadas

### 1. (UNESP/2019)

Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considere legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.





– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, parálítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

- a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)
- b) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10º parágrafo)
- c) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.” (3º parágrafo)
- d) “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5º parágrafo)
- e) “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6º parágrafo)

### Comentários:

O único trecho que apresenta verbo no modo imperativo afirmativo é “cruzem os braços”. “cruzem” está na terceira pessoa do plural do imperativo. Portanto, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no pretérito perfeito (“pintou” e “viveu”) e presente (“é”).

A alternativa C está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no pretérito perfeito (“proibi”) e infinitivo (“diminuir” e “aumentar”).



A alternativa D está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no presente ("existe" e "dá").

A alternativa E está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no pretérito perfeito ("procedi", "percorri", "tive" e "contornei").

**Gabarito: A**

## **2. (ITA/2019)**

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

"O caminho se faz caminhando", essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafas: "Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante".

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: "O sonho não acabou", um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: "Os sonhos não envelhecem" – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: "A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...". Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: "Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!".



No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me falem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. **Correio do Estado**, fev 2018. Disponível em  
Acesso em: ago. 2018.

Por ser uma crônica, o texto apresenta formas coloquiais, que por vezes distanciam o texto da norma padrão da língua portuguesa. Assinale a alternativa em que ocorre desvio da norma culta.

- a) Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão.
- b) O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro .....da lama de Woodstock [...]
- c) Depois arriscaria uma frase que criei e gosto [...]
- d) Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão [...]
- e) Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar...



Comentários:

---

A incorreção ligada ao uso de formas coloquiais se evidencia na alternativa C: os verbos “criar” e “gostar” possuem regência diferentes. Ao passo que “criar” pode atuar como verbo transitivo, ou seja, dispensa o uso de preposições, “gostar” se comporta como verbo transitivo indireto.

Por isso, para que essa oração estivesse alinhada à norma culta, seria preciso adicionar uma preposição “de” na oração: “Depois arriscaria uma frase que criei e **de** que gosto (...)”.

Gabarito: C

---

**3. (FUVEST/2018)**

O rumor crescia, condensando se; o zunzum de todos os dias acentuava se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam se\* discussões e rezingas\*\*; ouviam se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava se. Sentia se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

\* ensarilhar se: emaranhar se.

\*\* rezinga: resmungo

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- (A) “mas um só ruído compacto” (l. 2).
- (B) “ouviam se gargalhadas” (l. 3).
- (C) “o prazer animal de existir” (l. 6).
- (D) “gritou ela para baixo” (l. 10).
- (E) “bata na porta” (l. 11).



### Comentários:

A marca informal no texto está justamente na incorreção quanto à regência do verbo “bater”. Nesse caso, em que significa golpear a porta, o verbo deveria ser acompanhado da preposição “a” e não da preposição “em” como está aqui (na = em + a).

**ATENÇÃO:** Perceba que é importante que você conheça as formas contraídas de preposição + artigo, pois isso pode ajudar a resolver muitas questões. Ainda nessa aula, veremos com maior profundidade a questão das formas contraídas.

As outras alternativas não apresentam as marcas costumeiras de um texto ligado à oralidade e à informalidade, a saber, incorreções gramaticais e gírias, principalmente.

### Gabarito: E

#### 4. (UNESP/2018)

Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? *Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.*

(**Bem-vindo ao deserto do real!**, 2003.)

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...].”

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- a) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.
- b) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- c) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- e) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.



### Comentários:

---

A oração a ser transformada em voz passiva é “os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul”. “Um mês depois” é um advérbio e, por isso, se mantém inalterado. Como vimos em aula, na transposição o sujeito (os amigos) se torna agente da passiva e o objeto (uma carta escrita em tinta azul) se torna sujeito paciente. Além disso, deve-se adicionar uma preposição e transformar o verbo numa locução verbal mantendo o tempo e modo da oração original.

A oração ficaria, portanto, “Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos”.

A alternativa A está incorreta, pois altera o modo verbal: “seria” está no subjuntivo.

A alternativa B está incorreta, pois, além de manter-se na voz ativa, altera o sentido da oração: “deveriam” dá ideia de hipótese ou de algo que não ocorreu. Não é o que diz a oração do enunciado.

A alternativa C está incorreta, pois altera o tempo verbal: “foi” está no pretérito perfeito.

A alternativa E está incorreta, pois, além de manter-se na voz ativa, “receberiam” dá ideia de hipótese ou de algo que não ocorreu. Não é o que diz a oração do enunciado.

### Gabarito: D

---

#### 5. (UFRGS/2017)

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei 1 ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer 2, 3 e o Brasil que designa um povo, uma 4 nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida 5, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de 6 se reproduzir como sistema. 7 Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, 8 isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre 9 si 10; como é que cada um depende do outro; e 11 como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de “12 pátria”.

13 Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses 14 ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os “15 jeitos” de cada grupo humano. 16 Trata-se, sempre, da questão de identidade.



Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? 17A pergunta, 18na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, 19o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos 20português e não 21francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “22coisas” (e de experiências) 23para se construir como algo único.

24Nessa perspectiva, a chave para entender a 25sociedade brasileira é uma 26chave dupla. 27E, 28para mim, a capacidade relacional – do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, 29portanto, discutir o Brasil como uma 30moeda. Como algo que tem dois lados. 31E mais: como uma realidade que nos tem 32iludido, precisamente porque 33nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o 34brasil, 35Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: \_\_\_\_\_. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

- a) como os dois formam uma realidade única (ref. 11) – como uma realidade única é formada pelos dois.
- b) Trata-se, sempre, da questão de identidade (ref. 16) – é tratado, sempre, da questão de identidade.
- c) A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante (ref. 17) – algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.
- d) o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses (ref. 19) – portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.
- e) nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora (ref. 33) – esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

## Comentários

Alternativa “a”: correta – gabarito. A alteração de voz verbal está correta, respeitando a manutenção de tempo e modo verbais, assim como a concordância.





Alternativa “b”: incorreta. O verbo “tratar-se” é transitivo indireto, portanto não é possível a alteração de voz ativa para passiva analítica.

Alternativa “c”: incorreta. A correspondência não se dá, uma vez que o sujeito ativo foi transformado em verbo. O correto seria: “Algo muito importante permite ser descoberto pela pergunta, na sua discreta singeleza”.

Alternativa “d”: incorreta. A oração já está conjugada na voz passiva analítica.

Alternativa “e”: incorreta. A transposição está correta, porém o sujeito ativo (“nós”) não foi apresentado como agente da passiva (“por nós”).

**Gabarito: A**

## 6. (UNESP/2016)



“Caro filho. Como você está? Sua mãe e eu estamos bem. Sentimos saudades, esperamos que você esteja indo bem também. Estamos ansiosos para revê-lo na próxima vez que seu computador travar e você descer para comer alguma coisa. Com amor, sua mãe e seu pai.”

(Randy Glasbergen. <http://4.bp.blogspot.com>. Acesso em: 18.04.2014)

Assinale a alternativa que completa a frase a seguir com a forma verbal correta.

Esperamos revê-lo na próxima vez que você...

- a) trazer seu filho para visitar os avós.
- b) ter tempo para tomar um café conosco.
- c) obtiver licença no trabalho.
- d) vir à cidade a passeio.
- e) querer assistir a uma peça de teatro.



Comentário:

---

Segundo as regras de correlação de tempos e modos, um verbo no presente do indicativo (“esperamos rever”) deve ser relacionado a outro no presente do subjuntivo. O único trecho que apresenta verbo nesse tempo e modo é “obtiver licença no trabalho”. Por isso, a alternativa certa é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “trazer” está no infinitivo, não no subjuntivo.

A alternativa B está incorreta, pois “ter” está no infinitivo.

A alternativa D está incorreta, pois “vir” está no infinitivo, não no subjuntivo.

A alternativa E está incorreta, pois “querer” está no infinitivo, não no subjuntivo.

Gabarito: C

---

**7. (UEG/2016)**

Eu falo  
tu ouves  
ele cala.

Eu procuro  
tu indagas  
ele esconde.

Eu planto  
tu adubas  
ele colhe.

Eu ajunto  
tu conservas  
ele rouba.

Eu defendo  
tu combates  
ele entrega.



Eu canto

tu calas

ele vaia.

Eu escrevo

tu me lê

ele apaga.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Poesia reunida**: 1965-1999. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 157-158

Tradicionalmente são consideradas antônimas palavras cujos significados estão em oposição entre si. Considerando-se isso, verifica-se no poema "Conjugação", de Affonso Romano de Sant'Anna, que

- a) o fato de usar versos curtos, com apenas duas ou três palavras, dificulta a compreensão das oposições lexicais e enfraquece a estética do poema.
- b) as oposições de sentido são apresentadas de forma dicotômica no poema, já que as oposições ocorrem apenas em agrupamentos bipolares.
- c) as palavras apresentam oposição de sentido de vários modos distintos, de acordo com o texto em que ocorrem e com seu contexto de uso.
- d) o uso de três verbos diferentes em cada estrofe do poema tem como meta semântica a construção de um significado econômico.

### Comentários

---

Alternativa "a": incorreta. Não enfraquece; pelo contrário, fortalece. O fato de o poema se intitular "Conjugação" e ter suas estrofes todas conjugadas e brincando com as diferentes pessoas e suas respectivas concordâncias contribuem para o seu processo de composição.

Alternativa "b": incorreta. Não necessariamente os verbos (as ações) denotam sentidos contrários.

Alternativa "c": correta – gabarito. O poema apresentado tem como base a oposição de sentidos de diversas naturezas, como se percebe pela leitura comparativa de estrofes como "Eu procuro / tu indagas / ele esconde" e "Eu canto / tu calas / ele vaia". Percebe-se que ambas indicam ações complementares entre as duas primeiras pessoas em oposição à ação da 3ª pessoa; igualmente notam-se contextos diferentes a cada estrofe.



Alternativa “d”: incorreta. Não um significado econômico, mas sim a exploração das 3 pessoas do discurso: primeira, segunda e terceira, no caso, do singular.

**Gabarito: C**

---

### **8. (2017/UECE)**

A partir dos anos 20, com os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu grupo, a língua passou a ser vista como um fenômeno social e os enunciados passaram a ser considerados como uma grande rede responsiva: cada enunciado responde a enunciado anterior e, ao mesmo tempo, espera resposta de um outro enunciado posterior.

Super-Homem

(A Canção)

I

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que eu quisesse ter

II

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

III

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe quem dera

Ser no verão o apogeu da primavera

E só por ela ser

IV

Quem sabe



O Super-homem venha nos restituir a glória

Mudando como um deus o curso da história

Por causa da mulher

Gilberto Gil. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/search.php?q=super%20homem>.

A divisão do texto Super-Homem em partes ou apartados nos mostra uma estrutura bem delimitada com uma sequência lógica que facilita sua compreensão. A atenção aos verbos empregados no poema é indispensável para que se possa explorar o sentido do texto.

Relacione as quatro estrofes do poema aos comentários apresentados a seguir, numerando-os de I a IV, de acordo com cada uma delas.

( ) Revela esperança débil e frouxa, e expectativa. Esses dois sentimentos são linguisticamente manifestados por uma interjeição e um verbo no subjuntivo. Aparece, ainda, um gerúndio, demarcando a maneira como ocorre a ação.

( ) Expressa o tempo presente, dentro do qual se divisa um passado anterior a outro passado.

( ) Foi estruturada de modo a expressar desejo e vontade, função que se realiza com o uso da interjeição e de uma forma do subjuntivo.

( ) Inicia-se com uma expressão indicativa de tempo, mas de um tempo indeterminado. O emprego do pretérito perfeito sugere que a ação indicada pelo verbo já está concluída. Os recursos linguísticos empregados na estrofe imprimem, na mente do leitor, a inviabilização do que seria o desejo do sujeito lírico.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) IV, II, III, I.
- b) III, I, II, IV.
- c) II, IV, III, I.
- d) II, I, III, IV.

### Comentários

---

A primeira estrofe é iniciada por uma expressão indicativa de tempo, mas de um tempo indeterminado: “um dia”. O verbo viver está no pretérito perfeito do indicativo: “vivi”, indicando que se trata de um período já concluído. Os recursos linguísticos empregados na



estrofe imprimem, na mente do leitor, a inviabilização do que seria o desejo do sujeito lírico: “ilusão de que ser homem bastaria”, “o mundo masculino tudo me daria”.

Na segunda estrofe, os verbos estão no presente do indicativo: “É a porção melhor que trago em mim agora / É que me faz viver”. Há, no entanto, um único no pretérito mais-que-perfeito do indicativo (“resguardara”), tempo verbal que indica um passado anterior a outro passado.

A terceira estrofe foi estruturada de modo a expressar desejo e vontade, função que se realiza com o uso da interjeição (“oh”) e de um verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (“pudesse”).

A quarta estrofe revela esperança débil e frouxa (“Quem sabe / O Super-homem venha nos restituir a glória”), e expectativa (“Mudando como um deus o curso da história”). Esses dois sentimentos são linguisticamente manifestados por uma interjeição (“quem sabe”) e um verbo no presente do subjuntivo (“venha”). Aparece, ainda, um gerúndio, demarcando a maneira como ocorre a ação (“mudando”).

**Gabarito: A**

## 9. (UNESP/2016)

Observe a charge.



(Alpiño. <https://fbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net>. Acesso em: 20.05.2014)

Entre as frases que retomam a cena, empregou-se voz passiva em:

- a) O carrinho não era um brinquedo eletrônico, por esse motivo não possuía entrada USB.
- b) O carrinho foi analisado atentamente pelo garoto, mas o menino não conseguiu encontrar a entrada USB.
- c) A entrada USB não existia, pois, para movimentar o carrinho, o próprio garoto deveria puxá-lo pela corda.

- d) Ao admirar o novo brinquedo, a criança disse ao pai que não estava achando a entrada USB.
- e) Ao admirar o novo brinquedo, o filho comentou com o pai que não estaria vendo a entrada USB.

### Comentários:

---

Há dois tipos de construção de voz passiva: Analítica, que liga o verbo e o agente da passiva por meio de preposição; e Sintética, que conta com a partícula “se”. Dentre as alternativas, a única que apresenta uma construção na voz passiva é o trecho “O carrinho foi analisado atentamente pelo garoto”. O trecho é um exemplo de voz passiva analítica em que:

O carrinho – sujeito da passiva

foi analisado – forma verbal composta de verbo auxiliar + verbo principal no particípio

pelo – preposição

garoto – agente da passiva

Logo, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há presença de voz passiva, apenas ativa em “era” e “possuía”.

A alternativa C está incorreta, pois não há presença de voz passiva, apenas ativa em “existia” e “conseguiu encontrar”.

ATENÇÃO: não é porque há uma locução verbal que há uma voz passiva. Você precisa observar a construção como um todo.

A alternativa D está incorreta, pois a construção aqui é de discurso indireto.

A alternativa E está incorreta, pois, assim como em E, a construção é de discurso indireto.

### Gabarito: B

---

#### 10. (UFRGS/2015)

4À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, 14Chagas e Silva 6postava-se de palito à boca, como 19se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. 8Longe 21disso! A Rua da Praia que 23o diga, ou 22melhor, que o dissesse. 24O faz de conta do 7inefável personagem 5ligava-se mais à 25importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. 15Ele, que tanto marcou a rua, tinha 27franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava 28dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta,



polainas e 10uns olhinhos apertados na 1\_\_\_\_\_ bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, 29era o 9toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. 16Fixou-20se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de 12indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. 17Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e 11fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas 33e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro.

Não era de meu propósito 31ocupar-me do "doutor" Chagas 34e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, 30dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. 18Essas casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e 2\_\_\_\_\_ período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a 26dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados 3\_\_\_\_\_ maiores ou menores, tabernas 35ou simples tascas. A Cidade 32divertia-se também 13pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

Considere as afirmações abaixo, a respeito dos tempos verbais utilizados no texto.

- I. Os verbos era (ref. 29) e dispunha (ref. 30) estão conjugados no mesmo tempo e modo.
- II. Todos os verbos do primeiro parágrafo estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo, porque fazem referência a rotinas e hábitos do passado.
- III. Os verbos ocupar-me (ref. 31) e divertia-se (ref. 32) estão conjugados no modo subjuntivo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.



### Comentários:

Afirmção I: correta. Tanto “era” como “dispunha” são verbos conjugados no Pretérito Imperfeito do modo Indicativo, referindo-se a rotinas e hábitos do passado.

Afirmção II: incorreta. Há verbos conjugados em outros tempos e modos além do Pretérito Imperfeito do Indicativo, como “tivesse”, “comesse”, “disse” (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo), “poderia” (Futuro do Pretérito do Indicativo), “diga” (Presente do Subjuntivo) e “marcou” (Pretérito Perfeito do Indicativo).

Afirmção III: incorreta. “Ocupar-me” apresenta-se em sua forma nominal, no Infinitivo, e “divertia-se” está conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo.

### Gabarito: A

#### 11. (UEL/2015)

A cavalgada, que lenta 8subira a encosta, 9descia-3a rapidamente enquanto Atanagildo, visitando os muros, 1exortava os guerreiros da cruz a 2pelejem esforçadamente. Quando 4estes souberam quais eram as intenções dos árabes acerca das virgens do mosteiro, a atrocidade do sacrilégio afugentou-5lhes dos corações a menor sombra de hesitação. Sobre as espadas juraram 6todos combater e morrer como godos. Então o quingentário, a 6quem parecia animar sobrenatural ousadia, correu ao templo.

HERCULANO, A. **Eurico, o presbítero**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p.107.

Sobre os verbos “subira” (ref. 8), “descia” (ref. 9) e “exortava” (ref. 1), presentes no trecho, assinale a alternativa correta.

- a) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no tempo verbal pretérito perfeito, pois indicam um fato que aconteceu em um momento passado e foi concluído. Todos estão no modo indicativo.
- b) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois expressam a duração de um fato que ocorreu no passado e foi concluído. Os dois primeiros estão no modo indicativo, enquanto “exortava” está no imperativo, pois expressa ordem.
- c) O verbo “subira” está no futuro do presente, pois indica um fato que ainda ocorrerá; os verbos “descia” e “exortava” estão no futuro do pretérito, pois indicam ações que aconteceriam. Todos estão no modo indicativo.
- d) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um fato que aconteceu antes de outro fato no presente; já os verbos “exortava” e “descia” estão no imperfeito do subjuntivo, pois expressam desejos ou hipóteses.





e) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um processo que ocorreu antes de um outro fato, também no passado; os verbos “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois indicam um processo que ocorreu no passado, expressando sua duração, e que não foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

### Comentários:

---

Alternativa “a”: incorreta. Esses verbos no pretérito perfeito do indicativo, conjugados na mesma pessoa (isto é, a terceira do singular), adquirem a seguinte forma: “subiu”, “desceu” e “exortou”.

Alternativa “b”: incorreta. já que se os verbos estivessem no pretérito imperfeito, a conjugação na terceira pessoa do singular seria: “subia” e “descia” (modo indicativo); “exorte” (modo imperativo).

Alternativa “c”: incorreta. o verbo “subir”, no futuro do presente, para a terceira pessoa do singular, é “subirá”. Os verbos “descer” e “exortar”, no futuro do pretérito e na terceira pessoa do singular, respectivamente são: “desceria” e “exortaria”.

Alternativa “d”: incorreta. O caso do verbo “subir”, acerta a conjugação, mas erra ao afirmar que “indica um fato que aconteceu antes de outro fato no presente”, pois na verdade indica um processo que ocorreu antes de outro fato que também está no passado. Quanto aos verbos “descer” e “exortar”, no pretérito imperfeito do subjuntivo, na terceira pessoa, eles assumiriam, respectivamente, a seguinte forma: “descesse” e “exortasse”.

### Gabarito: E

---

## 12. (FUVEST/2014)

### O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**).



No contexto, a locução “Heis de cair”, na última linha do texto, exprime:

- a) resignação ante um fato presente.
- b) suposição de que um fato pode vir a ocorrer.
- c) certeza de que uma dada ação irá se realizar.
- d) ação intermitente e duradoura.
- e) desejo de que algo venha a acontecer.

### Comentários

---

Alternativa “a”: incorreta. Antes pessimismo que resignação. No conjunto da obra, Brás Cubas fracassa, não consegue realizar nada em sua vida, daí o capítulo das negativas. Ele não renuncia nem se submete nada, apenas se deixar ser levado pela vida.

Alternativa “b”: incorreta. Cuidado: o tempo utilizado é futuro do indicativo, e não subjuntivo, para indicar incerteza ou suposição.

Alternativa “c”: correta – gabarito. Se essa ação irá se realizar, com a ideia de certeza e também de futuro, é isso o que a locução verbal “heis de”, no caso “heis de cair” denota.

Alternativa “d”: incorreta. A ação não é contínua, ela tem um tempo certo para acontecer: futuro.

Alternativa “e”: incorreta. Se fosse desejo, o modo verbal mais adequado para representá-lo seria o subjuntivo.

### Gabarito: C

---

#### 13. (UNESP/2014)

Considere a passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

#### **Água-Mãe**

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele back, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:



– Joca, você aqui não paga.

No primeiro parágrafo, predominam verbos empregados no

- a) pretérito perfeito do modo indicativo.
- b) pretérito imperfeito do modo indicativo.
- c) presente do modo indicativo.
- d) presente do modo subjuntivo.
- e) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

### Comentários:

---

Percebe-se pela terminação da maioria dos verbos que a predominância é do pretérito imperfeito do indicativo. A terminação “-ava” é característica desse tempo verbal na 1ª conjugação (“jogava”, “encostava”, “entusiasmava”); “-ia” nas 2ª e 3ª conjugação (“podia”, “fugia”, “dormia”). Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois só há aparecimento de pretérito perfeito do indicativo em “atirou-se”, “recuou”, “se estendeu”, “foi crescendo” e “se foi adaptando”.

A alternativa C está incorreta, pois só há aparecimento de presente do indicativo em “paga”.

A alternativa D está incorreta, pois não há o aparecimento desse tempo verbal no texto.

A alternativa E está incorreta, pois só há aparecimento de pretérito mais-que-perfeito do indicativo em “formara”.

### Gabarito: B

---

#### 14. (UNESP/2013)

Considere dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de *software* na educação.

*Software* Livre, isto é, *software* que respeita as liberdades dos usuários de executar o *software* para qualquer propósito, de estudar o código fonte do *software* e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do *software*, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

*Software* que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo *software*. Um mesmo



programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não-Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão. [...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do *software* para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o *software* armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do *software* saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o *software* funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do *software*. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao *software*: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o *software* que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do *software*, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de *software* baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

(Alexandre Oliva. **Software privativo é falta de educação**. <http://revista.espiritolivres.org>)

[...] cerceia a curiosidade e a criatividade do educando.

A forma verbal cerceia, nesta frase do último parágrafo, significa:

- a) contamina.
- b) reforça.
- c) restringe.
- d) cerca.



e) estimula.

**Comentários:**

---

O período completo a ser analisado é “Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao *software*: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: **cerceia** a curiosidade e a criatividade do educando.”

Observando o contexto, pode-se ver que a palavra em a ver com controle. Assim, é preciso encontrar um sinônimo que mantenha essa ideia. A melhor alternativa é “restringe”, alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “contaminar” significa “infectar”, o que não mantém a ideia de controle.

A alternativa B está incorreta, pois “reforçar” significa “intensificar”, o que não mantém a ideia de controle.

A alternativa D está incorreta, pois “cercar” significa “circundar”, “andar em torno”, o que não mantém a ideia de controle.

A alternativa E está incorreta, pois “estimular” significa “incentivar”, o que não mantém a ideia de controle.

**Gabarito: C**

---

**15. (FUVEST/2012)**

<sup>1</sup>Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua <sup>5</sup>desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão <sup>10</sup>externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, **Evolução política do Brasil**. Adaptado.

No contexto, o verbo “enche” (L. 2) indica

a) habitualidade no passado.



- b) simultaneidade em relação ao termo “ascensão”.
- c) ideia de atemporalidade.
- d) presente histórico.
- e) anterioridade temporal em relação a “reino lusitano”.

### Comentários

---

É uma pergunta sobre o passado histórico, inclusive, é esse o gabarito.. O passado histórico é quando usamos o presente do indicativo para representar fatos históricos.

O verbo “encher” pode denotar preencher, corresponder. Porém, aqui, ele não está no seu sentido denotativo, o que também não significa dizer que está no sentido conotativo, literário, figurativo. É um pouco da mistura dos dois.

Alternativa “a”: incorreta. Não se trata de hábito, pois é definido um tempo específico – o século XV.

Alternativa “b”: incorreta. Não há simultaneidade, porque não há correlação entre os verbos: “enche” está no presente histórico, “resultara” no pretérito mais-que-perfeito e “trouxe” no pretérito perfeito, por exemplo.

Alternativa “c”: incorreta. Não se trata de atemporalidade (fora de qualquer tempo, até porque ele determina e contextualiza um tempo específico – o século XV).

Alternativa “d”: correta – gabarito. Agora, faz sentido o presente ser histórico (passado)? No contexto, faz. Acontece que o autor se refere àquilo que se passava no século XV, no presente daquela época histórica, que preenchia o cenário dessa época histórica específica.

Alternativa “e”: incorreta. Essa opção pressupõe uma defasagem temporal, que um é anterior a outros. O reino lusitano acontecia paralelamente ao século XV.

### Gabarito: D

---

## 16. (FUVEST/2012)

### RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem

Mas beleza é fundamental. É preciso

Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso

Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture*\*

Em tudo isso (ou então

Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).



Não há meio-termo possível. É preciso  
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito  
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto  
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

\* “haute couture”: alta costura.

Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

- a) indicativo; expressar verdades universais.
- b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
- c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
- d) indicativo; relacionar ações habituais.
- e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

### Comentários

Vamos destacar os verbos do trecho.

As muito feias **que me perdoem**

Mas beleza **é** fundamental. **É** preciso

**Que haja** qualquer coisa de flor em tudo isso

Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture*

Em tudo isso (ou então

**Que a mulher se socialize** elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).

Não **há** meio-termo possível. **É** preciso

**Que tudo isso seja** belo. **É** preciso que súbito

**Tenha-se** a impressão de **ver** uma garça apenas pousada e que um rosto

**Adquira** de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

Quantitativamente, dos 12 verbos do trecho, 6 são no modo subjuntivo, 5 no presente do indicativo e 1 na forma nominal de infinitivo. Logo, 3 alternativas já são eliminadas logo de cara.



Alternativa “a”: incorreta. O modo verbal é subjuntivo.

Alternativa “b”: incorreta. O modo verbal é subjuntivo, sequer existe imperativo no trecho.

Alternativa “c”: correta – gabarito. Todos os subjuntivos se completam com a seguinte ideia: “eu quero que...”; “é preciso que...”.

Alternativa “d”: incorreta. O modo verbal é subjuntivo.

Alternativa “e”: incorreta. Apesar de essa ser a função principal do subjuntivo, aqui, em caráter poético, ele assume uma outra de suas possíveis funções, a de expressar desejos.

**Gabarito: C**

---

## 17. (FUVEST/2011)

<sup>1</sup>Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a <sup>5</sup>Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

– Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

<sup>10</sup>– Sim, eu também sangro...

– Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

– Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

<sup>15</sup>– Pois já não disse que sabe também sangrar?

– Sim...

– Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo <sup>20</sup>aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o <sup>25</sup>médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para <sup>30</sup>o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**.





Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:

- a) “era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo”.
- b) “você estava bem bom, se quisesse ir conosco”.
- c) “Pois já não disse que sabe também sangrar?”.
- d) “de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro”.
- e) “logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros”.

### Comentários:

Para responder à questão é preciso observar dois aspectos: orações que estabelecessem relação de causa e consequência entre si; e orações em que fosse possível utilizar pretérito imperfeito no lugar de futuro de pretérito sem prejuízo no significado. Na alternativa B ambos os aspectos acontecem: a partícula “se”, tradicionalmente condicional, pressupõe consequência certa (ser bom ir junto é a consequência de aceitar ir); e o verbo da oração que exprime consequência pode ser alterado para o futuro do pretérito (você estaria bem bom).

A alternativa A está incorreta, pois apesar de ser possível substituir o “traziam” pelo “trariam”, não há presença de consequência certa na relação: a oração “que traziam...” caracteriza quem era a personagem: era aquele que traria o fornecimento.

A alternativa C está incorreta, pois os verbos não estão no imperfeito, mas sim no pretérito perfeito e no presente.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de consequência implícita na oração, que apenas expõe a mudança de profissão que ele faria.

A alternativa E está incorreta, pois o verbo está no pretérito perfeito.

**Gabarito: B**

---

### 18. (FUVEST/2001)

A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:

- a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.
- b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.
- c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.



d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.

e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.

### Comentários

---

Alternativa "a": incorreta. Se especialistas "temem", isso é uma hipótese, não uma certeza, e o modo que deveria ser utilizado é o subjuntivo.

Alternativa "b": incorreta. O modo verbal deve ser subjuntivo, do verbo irregular ser: "mesmo que seja".

Alternativa "c": incorreta. A conjunção "embora" exige o modo subjuntivo; porém, deve haver correlação de tempo: na primeira oração, o verbo "devem ser" está no presente, logo, deveria ser "embora nenhum faça".

Alternativa "d": incorreta. O certo deveria ser "se o suprisse".

Alternativa "e": correta – gabarito. O certo seria "equivaleria".

### Gabarito: E

---

#### 19. (UFU/2019.2)

A indústria do *fitness* nasceu com a missão de cuidar da saúde, mas, devido a interesses comerciais e mercadológicos, perdeu o rumo. Imagine uma cesta de maçãs em que uma fruta podre começa a contaminar todas as outras. Atualmente, grande parte dessa cesta já está contaminada e, quanto mais tempo demormos para encarar essa realidade, **mais letal se tornará esse processo**. Afinal, como viemos parar aqui? Como a indústria do corpo se tornou uma grave questão de saúde pública? Vou tentar espremer doze anos de estudo em algumas linhas. De início, esclareça-se. Não podemos generalizar, pois existem milhões de pessoas que se beneficiam da indústria do fitness, mas mesmo elas devem entender o que fazem, e o que há por trás de um movimento tão hegemônico.

**Veja**, Ed. 2598, ano 51, nº 36, 5 de setembro. 2018. p. 75. (Fragmento)

No texto, a oração em destaque

- A) exprime um fato simultâneo ao fato expresso na oração anterior.
- B) expressa um fato que está de acordo com o que se declara na oração anterior.
- C) estabelece condição para que se realize ou se deixe de realizar o fato expresso na oração anterior.



D) estabelece gradação entre o processo verbal que exprime e aquele declarado na oração anterior.

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque não temos os dois fatos acontecendo simultaneamente. Na realidade, o que temos é a piora de uma situação que ocorrerá com o passar do tempo. A ideia é que temos uma noção de gradação interessante, marcada temporalmente no futuro com o uso do verbo nesse tempo.

A alternativa B está incorreta, porque, ainda que tenhamos realmente um fato que ocorre em consonância com o fato anterior, encontramos uma modificação de intensidade do acontecimento. A relação é interessante, porque apresenta uma modificação gradativa da situação colocada na declaração anterior.

A alternativa C está incorreta, porque, para que houvesse uma condição, uma ação só ocorreria se a outra ocorresse, fato que não encontramos nesse texto. O que temos é uma gradação, dado que a realidade se encontra em um estado que tende a piorar. A ideia, então, é a de utilização de modificação gradativa.

A alternativa D está correta, porque a oração estabelece uma relação de piora da situação, isso quer dizer que o autor constrói uma gradação das ações. Perceba que essa ação está relacionada diretamente à anterior, dado que ela se constrói como uma modificação da anterior. As gradações são formas de modificação dos significados dos textos.

### Gabarito: D

---

#### 20. (UFU/2019.2)

No nada. Era em um lugar assim, no meio do mato, sem sinal de celular, longe do trânsito, da pressão do trabalho e dos motivos que o **levaram** a um quadro de arritmia cardíaca, que o advogado gaúcho José Henrique Costa, 52, **pretendia** passar as últimas férias. "Queria um destino em que pudesse manter algumas práticas que comecei depois que tive um quadro grave de estresse, como ioga, meditação e nadismo, que conheci pela internet", diz.

Nadismo é um movimento que, como diz o nome, consiste em incentivar pessoas a passar algumas horas fazendo, literalmente, coisa nenhuma. Nada mesmo, lhufas, patavina – basta ficar sentado ou deitado e se colocar em estado de inatividade. Quanto mais inútil, melhor.

MOLINERO, Bruno. Nada melhor do que não fazer nada. **Folha de S. Paulo**, Turismo D4, 10 de dezembro de 2015. (Fragmento)



As formas verbais em destaque indicam, respectivamente, uma ação

- A) passada em andamento; uma ação passada concluída.
- B) posterior a outra passada; uma ação anterior a outra passada.
- C) passada com duração no presente; uma ação anterior a outra passada.
- D) passada anterior a outra também passada; uma ação passada em andamento.

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque não temos uma noção de ação iniciada no passado e que permanece em andamento. Essa leitura é trazida essencialmente pelo uso do gerúndio, quando usado de forma correta. Por outro lado, a ação denotada em “pretendia” não chega a ocorrer, dado que temos uma relação de futuro do pretérito, que é uma ação que deveria ocorrer, mas não ocorre.

A alternativa B está correta, porque primeiro ocorrem as ações que levam a arritmia são anteriores à ideia de denotada em “levaram”, uma acontece e leva à outra, como podemos perceber na leitura atenta do texto. Além disso, temos a noção de “pretendia” sendo realmente anterior à ideia de ele não ir até a casa de campo como planejado.

A alternativa C está incorreta, porque a ação denotada por “levaram” não está com duração no presente, dado que é uma ação já encerrada, visto que a arritmia é um fato anterior. Por outro lado, a segunda ação, “pretendia”, denota a ideia de posterioridade com relação ao fato anterior, visto que nem chega a se concretizar.

A alternativa D está incorreta, porque a primeira forma verbal, “levaram”, temos uma relação de uma ação posterior a outra que já passou. Percebam que as ações de estresse ocorrem antes de levarem ao quadro de arritmia do homem utilizado como exemplo. Na segunda forma verbal, como temos o uso do futuro do pretérito, podemos afirmar que essa ação é anterior àquela que se realiza como não cumprir a ideia apresentada pelo futuro do pretérito.

### Gabarito: B

---

#### **21. (UFU/2019.2)**

Tocar no assunto remete a um Fla-Flu ou a Corinthians x Palmeiras em final de campeonato. De um lado, empedernidos, os defensores do livro impresso, trazendo-os junto ao peito, capas veneradas, metendo o nariz entre suas páginas, sentindo o cheirinho inebriante, degustando o prazer de abrir a primeira página, para em seguida fechá-lo novamente, mais alguns instantes admirando aquela obra de arte.



Do outro, os descolados e seus *tablets* e *e-readers* atraentes, com mil e uma funções, permitindo que o usuário, além de carregar consigo uma biblioteca que cabe na mochila ou no bolso, interaja em suas redes sociais enquanto faz um *download* do livro comprado há dois minutos em uma livraria digital.

Haverá aqueles que dirão que não é mais a mesma história, que os cinemas de rua morreram, que não há mais matinês como as da sua infância. Nostalgias à parte, a convivência entre as diversas linguagens é saudável e dá o tom aos novos tempos. *E-books* e livros em papel convivem harmoniosamente na bolsa de muita gente.

É o caso da produtora de eventos Caren Bianco, que se mudou para a Itália e não tinha como levar sua biblioteca a tiracolo. "Em um primeiro momento, senti um verdadeiro pavor. Leio muito e uso bastante a *internet*, porém não era consumidora de leitura digital de livros e revistas. Mas não tinha solução. Se eu quisesse ler, principalmente em português, teria de optar pelo e-book. Confesso que ainda prefiro o livro em papel, localizo melhor trechos que quero reler nesse formato, mas também confesso que é muito prático carregar as minhas obras preferidas para todo canto e lugar", pondera.

Os dois modelos carregam vantagens e desvantagens. Se um, por seu lado, nos remete a um mundo muito particular só de tocá-lo ou cheirá-lo, o outro traz a possibilidade de ser acessado com poucos cliques. Se um, porém, pesa no transporte de lá para cá, o outro cansa a vista com sua luminosidade. Mas podem conviver harmoniosamente.

Conhecimento Prático. **Língua Portuguesa**, ano 8, ed. 69, fevereiro/março, 2018. p. 23-25. (Adaptado)

Com base nas relações que ocorrem entre os elementos internos ao texto, analise as afirmativas.

- I. Em "**Tocar** no assunto remete a um Fla-Flu ou a Corinthians x Palmeiras em final de campeonato.", a forma verbal em destaque apresenta um processo verbal em si mesmo, sem qualquer noção de tempo ou modo, mas relacionado a um ser.
- II. No quarto parágrafo, o discurso relatado cumpre, primordialmente, o papel de sustentar a tese de que há convivência harmoniosa entre e-books e livros.
- III. Em "**Haverá** aqueles que **dirão** que não é mais a mesma história [...]", as formas verbais em destaque indicam essencialmente posterioridade em relação ao momento da enunciação.
- IV. Em "Se um, porém, pesa no transporte de **lá** para **cá**, o outro cansa a vista com sua luminosidade.", os termos em destaque se referem à Itália e ao Brasil.



Assinale a alternativa que contém somente as afirmativas corretas.

- A) I e IV.
- B) I e II.
- C) III e IV.
- D) II e III.

#### Comentários:

---

A afirmativa I está incorreta, porque a primeira parte da afirmativa está correta, dado que o infinitivo é realmente um verbo em si mesmo. A ideia é a de que o infinitivo é o verbo em sua potência máxima de transformação em ação, contendo um processo verbal. Contudo, não temos a referência a um ser, dado que há inexistência de sujeito nesse caso, porque temos o chamado infinitivo impessoal.

A afirmativa II está correta, porque a ideia que Caren Bianco apresenta é exatamente a de que consegue ler nos dois formatos, sem que se perca o gosto ou que se deixe de ler. A ideia apresentada, então, corrobora a noção de que é possível termos um convívio harmonioso entre as duas formas de leitura.

A afirmativa III está correta, porque o autor está falando com relação à reação dos leitores após fazerem a leitura de seu texto. Ou seja, o momento da enunciação é o momento em que ele escreve, se referindo ao futuro, um momento posterior ao que ele ainda fala.

A afirmativa IV está incorreta, porque os dois elementos são coesivos que não apresentam, nesse contexto, retomada de Brasil e Itália. Na realidade, a leitura atenta do texto nos leva à ideia de levar de um lugar qualquer para outro também lugar qualquer. Cuidado para não achar que se relacionam ao exemplo trazido no texto.

#### Gabarito: D

---

### 22. (UFU/2017.2)

Analise a presença da partícula se nos exemplos abaixo. A seguir, faça a correspondência dos exemplos com as explicações dadas.

- I. Se você não chegar cedo, teremos de improvisar um apresentador para o recital.
- II. Com tantos problemas, vive-se um dia de cada vez.
- III. Os irmãos, João e Luísa, deram-se as mãos.
- IV. Naquele condomínio, vendem-se casas.



- ( ) O se, no exemplo, indica que a frase está na voz passiva, ou seja, o sujeito sofre a ação praticada por outro agente.
- ( ) O se, nesse caso, é chamado de índice de indeterminação do sujeito. É utilizado em frases cujo sujeito é indeterminado.
- ( ) O se, no exemplo, é pronome pessoal. Nesse caso, a ação envolve dois sujeitos, sendo que um pratica a ação sobre o outro e, portanto, ambos sofrem a consequência da ação praticada.
- ( ) O se, nesse caso, indica uma condição para a oração principal.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- A) IV, III, II, I
- B) III, II, I, IV
- C) II, I, IV, III
- D) IV, II, III, I

### Comentários:

Na alternativa I, a partícula “se” é classificada como uma conjunção subordinativa introduzindo uma oração subordinada adverbial de valor condicional. As conjunções subordinativas são as responsáveis pela introdução desse tipo de oração em específico. Sempre vale o destaque que a classificação das partículas “se” são as mais cobradas nos exames vestibulares, dada a quantidade de classificações que apresenta.

Na alternativa II, a partícula une-se a um verbo intransitivo que não apresenta sujeito expreso e, por isso, deve ser classificada como pronome de indeterminação do sujeito, também chamado de índice de indeterminação do sujeito. Perceba uma relação interessante: a indeterminação do sujeito se dá necessariamente por conta da partícula.

Na alternativa III, temos uma leitura de reciprocidade causada pelo uso da partícula “se”, classificada como um pronome reflexivo, que só consegue conectar-se a verbos transitivos diretos ou diretos e indiretos. Nesse tipo de utilização, temos a chamada voz reflexiva, que está relacionada diretamente à noção de que o sujeito pratica, em si mesmo a ação, por isso a leitura de reciprocidade é entendida como uma relação de reflexividade.

Na alternativa IV, por fim, temos a utilização do “se” como partícula apassivadora. Na realidade, essa partícula também se liga somente a VTD ou VTDI. Nesses casos, a melhor forma de testar a partícula é passando a oração para a voz passiva analítica, em que teríamos: Casas



são vendidas. Dessa forma, percebe-se que temos voz passiva sintética na utilização da partícula “se”.

**Gabarito: D**

---

**23. (UFU/2016.2)**

Na Olimpíada da crise, os convidados especiais não vão contar assim com tanta mordomia. Graças à baixa procura e ao desinteresse dos patrocinadores, o comitê organizador dos Jogos está com dificuldade de erguer camarotes para algumas modalidades. O de vôlei de praia, esporte no qual o Brasil é destaque, não vai dispor da estrutura. O camarote para o tênis, no Parque Olímpico, também foi cancelado. A construção **ocorre** apenas se os pedidos **são** suficientes para compensar os custos.

**Veja**, ed. 2460, ano 49, nº. 2, 13 de janeiro de 2016, p. 29.

No último período do texto, as formas verbais em destaque foram empregadas para

- A) expressar temporalmente o futuro.
- B) representar eventos sem historicidade.
- C) expressar fatos que independem do tempo cronológico.
- D) expressar atitude do enunciador.

**Comentários:**

---

A alternativa A está correta, porque os verbos indicam que a construção poderá ser feita caso haja interesse e se valer à pena. Na realidade, o que temos é a utilização de dois verbos no presente que indicam uma ação que pode vir a se realizar.

A alternativa B está incorreta, porque há historicidade clara nos dois eventos. São ações verbais que se relacionam com o momento futuro, com indicação de que a ação da construção pode vir a acontecer caso valha à pena.

A alternativa C está incorreta, porque há tempo determinado no trecho. São ações verbais que estão relacionados ao futuro, ainda que estejam no presente, com noção de que são ações únicas que não se ligam a repetições ou a tempos verbais distintos.

A alternativa D está incorreta, porque as formas verbais estão relacionadas com a construção e não com o enunciador, que entendemos como o autor do texto. Poderíamos pensar, ainda assim, que os verbos se referem aos organizadores da Olimpíada.

**Gabarito: A**

---





**24. (UFU/2016.2)**

Assinale a alternativa cujo termo em negrito exprime um fato que NÃO pertence a um tempo determinado.

- A) Em 2014, uma tendência se consolidou: produtos digitais estão cada vez mais sendo vendidos do mesmo jeito que a maioria das churrascarias **serve** carne: em sistemas de rodízio. Mas isso não quer dizer que o modelo esteja decidido. (*Superinteressante*, ed. 34, fev. 2015, p. 20)
- B) As inovações dão fôlego à civilização: quando um novo passo da ciência origina um produto disruptor, **surgem** mercados que alimentam a economia. (*Veja*, 3 dez. 2014)
- C) Especialistas **têm desenvolvido** treinos que ajudam a restaurar o equilíbrio. A reabilitação vestibular, por exemplo, envolve atividades para os olhos e a cabeça que buscam estimular o cérebro a lidar com sinais distorcidos que vêm da orelha interna. (*Mente e Cérebro*, Ano XXI, No 265, p.31)
- D) A busca por inovar, uma capacidade (até onde se sabe) exclusiva do Homo Sapiens, é o motor das engrenagens da civilização. Inovações, sempre nascidas para solucionar necessidades pulsantes da humanidade, **levam** a transformações definitivas no modo como produzimos e dão início a mudanças profundas nas relações humanas. (*Veja*, 3 dez. 2014)

**Comentários:**

---

A alternativa A está correta, porque é uma generalização que apresenta o autor. Na realidade, temos a construção de uma ação que ocorre sempre, mas que não está acontecendo no momento ou que já aconteceu.

A alternativa B está incorreta, porque o verbo apresenta uma ação que está em desenvolvimento, continua acontecendo de forma constante. Como ocorre no momento, temos a noção clara de que há realmente uma marcação temporal nesse caso. Essa ação se repete no presente e permanece acontecendo.

A alternativa C está incorreta, porque o verbo apresenta uma ação que está em desenvolvimento, continua acontecendo de forma constante. Como ocorre no momento, temos a noção clara de que há realmente uma marcação temporal nesse caso.

A alternativa D está incorreta, porque o verbo apresenta a noção de que as inovações sempre levam a transformações definitivas, dado que temos o uso do presente, que, nesse caso, nos remete à repetição de uma ação.

**Gabarito: A**

---



**25. (UFU/2014.2)**

Trocar o dia pela noite faz mal à saúde, avisa um time de pesquisadores do Centro Médico da Universidade do Texas, em Dallas. A pesquisa acaba de ser publicada na revista *Science* e pode desmentir a mística de que certas tarefas mentais podem ser estimuladas se embaladas pelo silêncio inspirador e criativo das madrugadas.

DA EDIÇÃO. Boa noite para você. **Carta Capital**. São Paulo: Editora Confiança. Ano XIX, n. 775, 20 nov., 2013. p. 83. (fragmento)

No fragmento, o verbo “avisa”, presente no trecho “Trocar o dia pela noite faz mal à saúde, avisa um time de pesquisadores do Centro Médico da Universidade do Texas, em Dallas”, confere a esse enunciado um tom de

- A) conselho.
- B) advertência.
- C) esclarecimento.
- D) proibição.

**Comentários:**

---

A alternativa A está incorreta, porque o verbo não introduz o conselho, que é apresentado no começo do texto. A escolha desse verbo está relacionada a uma advertência, como usual.

A alternativa B está correta, porque o verbo introduz uma advertência sobre os malefícios de “trocar o dia pela noite”. Essa informação ganha força por vir de uma equipe de estudiosos sobre o problema, dando indicação científica ao caso.

A alternativa C está incorreta, porque o verbo introduz uma advertência sobre os malefícios de “trocar o dia pela noite”. Essa informação ganha força por vir de uma equipe de estudiosos sobre o problema, dando indicação científica ao caso.

A alternativa D está incorreta, porque o verbo introduz uma advertência sobre os malefícios de “trocar o dia pela noite”. Essa informação ganha força por vir de uma equipe de estudiosos sobre o problema, dando indicação científica ao caso. Não temos leitura de proibição, mas de advertência que pode ser entendida como um conselho quando conectada à primeira informação veiculada.

**Gabarito: B**

---



## 26. (Fuvest – 1ª fase/2009)

Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: “Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada”. Relê Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-réis...

Machado de Assis. **Dom Casmurro**.

As formas verbais “Tinham passado” e “viriam” traduzem ideia, respectivamente, de anterioridade e de posterioridade em relação ao fato expresso pela palavra

- a) “explicam”.
- b) “estada”.
- c) “passagem”.
- d) “dizíamos”.
- e) “montava”.

### Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque as duas formas verbais se referem claramente à passagem do cavaleiro, não à explicação.

A alternativa B está incorreta, porque as duas formas verbais se referem claramente à passagem do cavaleiro, não à estadia.

A alternativa C está correta, porque esses verbos estão relacionados à ideia da passagem do cavaleiro. Dessa forma, podemos afirmar que as duas formas se relacionam diretamente com a ideia apresentada no início do parágrafo.

A alternativa D está incorreta, porque as duas formas verbais se referem claramente à passagem do cavaleiro, não a dizer.

A alternativa E está incorreta, porque as duas formas verbais se referem claramente à passagem do cavaleiro, não a montar.



Gabarito: C

---

**27. (Fuvest - 1ª fase/2006)**

No trecho “Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva”, o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por: “Sem que nem ao menos se:

- a) deem as mãos”.
- b) davam as mãos”.
- c) deram as mãos”.
- d) dessem as mãos”.
- e) dariam as mãos”.

Comentários:

---

“Dar” é um verbo irregular de 1ª conjugação. Além disso, na época em que caiu essa questão no vestibular, no caso 2006, não havia ainda o Novo Acordo Ortográfico, que banuiu o acento em vogais duplas iguais, por exemplo, em formas verbais como “deem”.

Na proposta do enunciado, inseriu-se a conjunção “que”, a qual pressupõe o modo verbal do subjuntivo.

A alternativa A está incorreta, porque o verbo está na 3ª pessoa do plural do modo subjuntivo no tempo presente.

A alternativa B está incorreta, porque o verbo está na 3ª pessoa do plural do modo indicativo no tempo pretérito imperfeito.

A alternativa C está incorreta, porque o verbo está na 3ª pessoa do plural do modo indicativo no tempo pretérito perfeito.

A alternativa D está correta, porque o verbo está na 3ª pessoa do plural do modo subjuntivo no tempo pretérito imperfeito.

A alternativa E está incorreta, porque o verbo está na 3ª pessoa do plural do modo indicativo no tempo futuro do pretérito.

Gabarito: D

---

**28. (Fuvest - 1ª fase/2006)**

Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

- a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.



- b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaremos.
- c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.
- d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.
- e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque a conjunção “e” coordena dois termos que obrigatoriamente têm que ser iguais. O primeiro é “que as transmitem”, no indicativo presente, mas “que assegurem” está no subjuntivo presente.

A alternativa B está incorreta, porque a forma correta deveria ser “a não ser que os encaremos”: subjuntivo presente da primeira pessoa do plural do verbo de 1ª conjugação “encarar”.

A alternativa C está incorreta, porque a forma correta deveria ser “que podem”, no indicativo e não no subjuntivo.

A alternativa D está correta, porque o modo subjuntivo está usado corretamente, bem como a coordenação coordena dois termos iguais no modo subjuntivo.

A alternativa E está incorreta, porque a forma correta deveria ser “amanhã pode vir a tornar-se”, no indicativo e não no subjuntivo.

### Gabarito: D

---

#### **29. (Fuvest – 1ª fase/2006)**

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para conhecer o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.

Amyr Klink, **Mar sem fim**.



A repetição de “precisa viajar” acentua, no contexto, o valor daquelas experiências que

- a) se traduzem na exploração de nossa plena capacidade imaginativa.
- b) concretizam o aprendizado das diferenças que formam a identidade pessoal.
- c) ratificam a convicção de quem julga conhecer o que apenas imaginou.
- d) acabam comprovando a importância de se viver tudo o que se planejou.
- e) reforçam a simplicidade do prazer de um cotidiano sem surpresas.

### Comentários:

---

A alternativa A está correta, porque o autor quer que as ideias, a imaginação, seja concretizada por meio de uma relação clara de experimentar. Essa ideia é exatamente a tradução do que imaginamos em realidades.

A alternativa B está incorreta, porque não temos o foco nas diferenças que nos formam como indivíduos. Na realidade o autor fala da vida real, do conhecimento das coisas que estão na vida de todas as pessoas. As experiências traduzem o que imaginamos e são essenciais à construção da vida humana.

A alternativa C está incorreta, porque a imaginação não é o ponto do texto, mas a vida real. Na realidade, o autor defende que a vivência deve estar acima, claramente, de uma relação de imaginação por si só. Viajar é necessário fora da imaginação.

A alternativa D está incorreta, porque não temos uma relação com o planejamento das coisas, mas com sua valorização. Quando viajamos, segundo o autor, por nós mesmos e fisicamente, temos a possibilidade de conhecer melhor as coisas e as experiências passam a ser mais valorizadas.

A alternativa E está incorreta, porque na realidade o autor trabalha com ideias relacionadas com a valorização da vida, da vida real e não imaginada. No caso, não temos a ideia de acabar com as surpresas do cotidiano, que são impossíveis de serem previstas e para as quais as pessoas não estão preparadas.

### Gabarito: B

---

#### **30. (Fuvest - 1ª fase/2005)**

Considere as seguintes frases:

- I. O autor do texto assistiu ao filme sobre Cazuza.
- II. O filme provocou-lhe uma viva e complexa reação.



III. Sua reação mereceu uma análise.

O período em que as frases acima estão articuladas de modo correto e coerente é:

- a) Tendo assistido ao filme sobre Cazuza, este provocou o autor do texto numa reação tão viva e complexa que lhe mereceu uma análise.
- b) Mereceu uma análise, a viva e complexa reação, provocadas pelo filme que o autor do texto assistiu sobre Cazuza.
- c) A reação que provocou no autor do texto o filme sobre Cazuza foi tão viva e complexa que mereceu uma análise.
- d) Foi viva e complexa a reação, que aliás mereceu uma análise, provocado pelo filme sobre Cazuza, que o autor assistiu.
- e) O filme sobre Cazuza que foi assistido pelo autor provocou-lhe uma reação viva e complexa, que a sua análise foi merecida.

Comentários:

**Cuidado: não se trata de uma questão para julgar as alternativas. Há três afirmações que identificam o processo de construção do texto e há a reelaboração dessa ideia. É uma questão de verificação e constatação de veracidade da informação, mas também da Gramática. Para aprofundamento, aguardem aulas futuras.**

A alternativa A está incorreta, porque o pronome “este” pode gerar ambiguidade, pois pode se remeter ao termo imediatamente anterior, no caso Cazuza, ou ao núcleo desse termo, filme. Gramaticalmente, a função do pronome “este” é indicar proximidade.

A alternativa B está incorreta, porque está errada a concordância nominal em “provocadas”, pois deveria concordar em número singular com o termo ao qual se refere, “reação”.

A alternativa C está correta, porque trata-se de uma oração subordinada adverbial consecutiva.

A alternativa D está incorreta, porque novamente está errada a concordância nominal de “provocado”, que agora acertou no número singular, mas errou no gênero, o qual deveria ser feminino.

A alternativa E está incorreta, porque além de dever haver vírgulas entre “que foi assistido pelo autor” para marcar uma oração adjetiva explicativa, deveria haver o pronome relativo “cujo” em “cuja análise foi merecida”.



Gabarito: C

---

**31. (UNESP/2019)**

Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

- (A) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7o parágrafo)
- (B) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10o parágrafo)
- (C) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.” (3o parágrafo)
- (D) “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5o parágrafo)
- (E) “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6o parágrafo)

Comentário.

---

Alternativa a, verdadeira. Os verbos “entram”, “rodam” e “não entram” estão no presente do indicativo e “cruzem” está no imperativo afirmativo.

Alternativa b, falsa. Os verbos “pintou” e “viveu” estão conjugados no pretérito perfeito do indicativo e “é”, no presente do indicativo.

Alternativa c, falsa. Os verbos “diminuir” e “aumentar” estão no infinitivo, “proibi”, no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa d, falsa. Os verbos “existe” e “dá” estão conjugados no presente do indicativo.

Alternativa e, falsa. Os verbos “não procedi”, “percorri”, “tive” e “contornei” estão conjugados no pretérito perfeito do indicativo e “recuar” está no infinitivo.

Gabarito: A

---

**32. (UNESP/2018.2)**

Ao se converter o trecho “Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela” (7o parágrafo) para o discurso direto, o verbo “confessara” assume a forma:

- (A) confessei.





- (B) confessou.
- (C) confessa.
- (D) confesso.
- (E) confessava.

**Comentários:**

---

Na transposição do discurso indireto para o direto, o verbo “confessara”, que está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, deve ser transformado em pretérito perfeito indicativo, mantendo a pessoa verbal – nesse caso a terceira pessoa do singular. Portanto a forma verbal correta é “confessou”. Assim, a alternativa correta é a alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o verbo está na primeira pessoa e não na terceira.

A alternativa C está incorreta, pois o verbo está no presente do indicativo, não no pretérito perfeito do indicativo.

A alternativa D está incorreta, pois o verbo está na primeira pessoa e não na terceira, além de estar no presente do indicativo.

A alternativa E está incorreta, pois o verbo está no pretérito imperfeito, não no pretérito perfeito.

**Gabarito: B**

---

**33. (UNESP/2018.2)**

“O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante”.

Preservando-se a correção gramatical e o seu sentido original, essa oração pode ser reescrita na forma:

- a) Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante.
- b) Adiciona-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçantes.
- c) Eram adicionadas às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- d) Adicionam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- e) Adicionavam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.

**Comentários:**

---

A frase apresentada encontra-se na voz passiva analítica. A proposta das alternativas é encontrar uma voz passiva pronominal (ou sintética).



Para formar uma voz passiva pronominal, é preciso colocar o verbo na **terceira pessoa do singular**. Ele não precisa concordar com os outros termos da oração, porém deve manter o tempo verbal apresentado no enunciado, ou seja, o **pretérito imperfeito** (“era”). O verbo “adicionar” deve ser conjugado “adicionava-se”.

Por isso, a alternativa A é a correta: “Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante”.

A alternativa B está incorreta, pois “Adiciona-se” está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, não no pretérito imperfeito.

A alternativa C está incorreta, pois essa alternativa simplesmente alterou a ordem dos termos da oração, não mudou a voz.

A alternativa D está incorreta, pois “Adicionam-se” está na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, não no pretérito imperfeito.

A alternativa E está incorreta, pois “Adicionavam-se”, apesar de estar no pretérito imperfeito, está no plural, não no singular.

**Gabarito: A**

---

#### **34. (UNESP/2018.2)**

Em “Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos” (1º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo

- a) transitivo direto.
- b) intransitivo.
- c) de ligação.
- d) transitivo indireto.
- e) transitivo direto e indireto.

**Comentários:**

---

A alternativa A está incorreta, pois o complemento verbal é precedido de preposição, indicando objeto indireto.

A alternativa B está incorreta, pois o verbo apresenta complemento verbal.

A alternativa C está incorreta, pois esse é um verbo de ação e não de ligação.

A alternativa D está correta, pois o verbo apresenta complemento verbal precedido de preposição (“à astúcia dos que adulteravam alimentos”).

A alternativa E está incorreta, pois o verbo apresenta apenas objeto indireto, não direto.

**Gabarito: D**

---



### 35. (UNESP/2018)

**Texto omitido por não ser necessário à resposta da questão.**

“Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.” (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.
- b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.
- c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
- d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
- e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

#### Comentários:

---

Essa era uma questão que demandava que o aluno lembrasse de dois conteúdos: forma contraída do pronome e pronomes oblíquos funcionando como objeto.

“**lho**” é a forma contraída de “lhe + o”. É uma expressão pouco usada nos dias de hoje, mas comum no tempo de Machado de Assis.

“**lhe**” sempre assume a função de objeto indireto

“**o**” sempre assume a função de objeto direto.

Portanto, “**lho**” assume ao mesmo tempo função de objeto direto e objeto indireto. A alternativa correta era alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois “lho” não é só objeto direto, mas indireto também.

A alternativa C está incorreta, pois “dinheiro” é objeto direto do verbo “dava” e não de “levasse”.

A alternativa D está incorreta, pois “quem” é objeto indireto do verbo “dava” e não de “levasse”.

A alternativa E está incorreta, pois esses objetos se referem ao verbo “dava” e não a “levasse”.

#### Gabarito: B

---

### 36. (UNESP/2018)

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...].”



Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- a) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.
- b) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- c) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- e) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

### Comentários:

---

A oração a ser transformada em voz passiva é “os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul”. “Um mês depois” é um advérbio e, por isso, se mantém inalterado. Como vimos em aula, na transposição o sujeito (os amigos) se torna agente da passiva e o objeto (uma carta escrita em tinta azul) se torna sujeito paciente. Além disso, deve-se adicionar uma preposição e transformar o verbo numa locução verbal mantendo o tempo e modo da oração original.

A oração ficaria, portanto, “Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos”.

A alternativa A está incorreta, pois altera o modo verbal: “seria” está no subjuntivo.

A alternativa B está incorreta, pois, além de manter-se na voz ativa, altera o sentido da oração: “deveriam” dá ideia de hipótese ou de algo que não ocorreu. Não é o que diz a oração do enunciado.

A alternativa C está incorreta, pois altera o tempo verbal: “foi” está no pretérito perfeito.

A alternativa E está incorreta, pois, além de manter-se na voz ativa, “receberiam” dá ideia de hipótese ou de algo que não ocorreu. Não é o que diz a oração do enunciado.

### Gabarito: D

---

#### 37. (UERJ/2020)

#### **SOBREVIVEREMOS NA TERRA?**

Tenho interesse pessoal no tempo. Primeiro, meu *best-seller* chama-se *Uma breve história do tempo*. Segundo, por ser alguém que, aos 21 anos, foi informado pelos médicos de que teria apenas mais cinco anos de vida e que completou 76 anos em 2018. Tenho uma aguda e desconfortável consciência da passagem do tempo. Durante a maior parte da minha vida, convivi com a sensação de que estava fazendo hora extra. (...)



STEPHEN HAWKING (1942-2018) Adaptado de **Breves respostas para grandes questões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

***Segundo, por ser alguém que, aos 21 anos, foi informado pelos médicos de que teria apenas mais cinco anos de vida e que completou 76 anos em 2018. (l. 2-3)***

Os verbos sublinhados descrevem dois fatos que podem ser caracterizados, respectivamente, como:

- (A) hipotético – realizado
- (B) inconcluso – eventual
- (C) contínuo – momentâneo
- (D) repetitivo – retrospectivo

#### Comentários:

---

Na análise das duas formas verbais, devemos considerar as seguintes informações:

- O verbo “teria” apresenta-se no futuro do pretérito que, segundo a linguística, apresenta uma noção de alguma coisa que poderia ter acontecido, mas que na realidade não aconteceu. Ao olharmos para a construção, entendemos que o autor tinha uma doença que o condenava a viver somente mais cinco anos, contudo isso não ocorre. Dessa forma, entendemos que era uma hipótese por parte dos médicos e não uma ação certa.
- O verbo “completou” apresenta-se no pretérito perfeito, indicando uma ação realizada completamente. A ideia é a de contrapor-se à noção trazida pelo verbo “teria”. Como esse primeiro verbo apresenta uma leitura hipotética, o segundo verbo ganha importância, dado que é uma forma clara de demonstrar que a primeira ação não se realizou.

#### Gabarito: A

---

**38. (UERJ/2019.2)**

***Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo.***



No trecho, a forma verbal sublinhada expressa uma ação que se caracteriza como:

- (A) interrompida
- (B) simultânea
- (C) concluída
- (D) reiterada

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque a ação é anterior ao momento da escrita do texto e já foi concluída, dado que a aula já foi apresentada.

A alternativa B está incorreta, porque a ação é construída como já tendo ocorrido, dado que o autor fala sobre uma aula que já foi apresentada. Cuidado com o uso do presente para esse caso.

A alternativa C está correta, porque há um “pega” nessa questão. Como o verbo está no presente, podemos ser levados a entender que o verbo não apresenta uma ação já concluída. Contudo, precisamos entender que o autor se refere a uma única aula que já foi apresentada. Dessa forma, temos o verbo tomando significação de ação já concluída.

A alternativa D está incorreta, porque o autor apresenta a ideia de uma ação única, relacionada claramente à ideia de uma aula em específico. Assim, ainda que entendamos que o presente pode ser usado de forma a indicar ações reiteradas, nesse caso trata-se de uma só ação.

### Gabarito: C

---

#### 39. (UFPR/2020)

Diverti-me imensamente com a história dos imbecis da web. Para quem não acompanhou, foi publicado em alguns jornais e também on-line que no curso de uma chamada *lectio magistralis* em Turim eu teria dito que a web está cheia de imbecis. É falso. A *lectio* era sobre um tema completamente diferente, mas isso mostra como as notícias circulam e se deformam entre os jornais e a web. A história dos imbecis surgiu numa conferência de imprensa durante a qual, respondendo a uma pergunta que não me lembro mais, fiz uma observação de puro bom senso. Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar – e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito. Hoje uma parte consistente dessas pessoas tem a possibilidade de expressar as próprias opiniões nas redes sociais e, portanto, tais opiniões alcançam audiências altíssimas e se misturam com tantas outras ideias expressas por pessoas razoáveis. [...]



É justo que a rede permita que mesmo quem não diz coisas sensatas se expresse, mas o excesso de besteira congestionava as linhas. E algumas reações descompensadas que vi na internet confirmam minha razoabilíssima tese. Alguém chegou a dizer que, para mim, as opiniões de um tolo e aquelas de um ganhador do prêmio Nobel têm a mesma evidência e não demorou para que se difundisse viralmente uma inútil discussão sobre o fato de eu ter ou não recebido um prêmio Nobel – sem que ninguém consultasse sequer a Wikipédia.

(Umberto Eco – **Os imbecis e a imprensa responsável**, 2017.)

**No trecho “Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar – e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito”, as orações, cujos inícios estão sublinhados, correspondem, respectivamente, a:**

- a) uma suposição e uma explicação.
- b) uma explicação e uma conclusão.
- c) uma causa e uma consequência.
- d) uma concessão e uma explicação.
- e) uma hipótese e uma consequência.

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque, ainda que possamos entender que a primeira leitura é de hipótese, próxima de uma suposição, a segunda está relacionada com a oração principal, que se constrói como sua causa. Não temos explicação, mas consequência.

A alternativa B está incorreta, porque a primeira leitura é claramente de hipótese, enquanto a segunda se comporta como uma consequência da oração principal.

A alternativa C está incorreta, porque a causa para a consequência em questão não está na oração reduzida que inicia o trecho, que apresenta leitura clara de hipótese. Ainda assim, ligada à oração principal, a segunda oração está com valor de consequência mesmo.

A alternativa D está incorreta, porque não temos uma relação de oposição, porque deveremos admitir, por meio de uma hipótese, a ideia de que os sete bilhões de habitantes existam. No segundo caso, a leitura é a de uma consequência de manterem-se com os amigos como ouvintes de seus delírios.

A alternativa E está correta, porque a construção do gerúndio “admitindo” indica uma relação de criação de hipótese, dado que poderíamos desenvolvê-lo em “Caso se admita que 7 bilhões...”. Perceba que essa é uma das formas mais interessantes de construção de



respostas com relação a reduções de orações. Sempre as desenvolva para poder entender melhor o que elas indicam. No segundo caso, com a construção de “e assim”, percebe-se clara relação de consequência construída pelo fato das pessoas sempre utilizarem os amigos como ouvintes de seus delírios.

**Gabarito: E**

---





**40. (UFPR/2017)**

**As duas estrofes a seguir iniciam o poema Y-Juca-Pyrama de Gonçalves Dias, publicado em 1851.**

No meio das tabas de amenos verdores  
Cercadas de troncos – cobertos de flores,  
Alteião-se os tectos d’altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos animos fortes,  
Temiveis na guerra, que em densas cohortes  
Assombrão das matas a imensa extensão

São rudes, severos, sedentos de gloria,  
Já prelios incitão, já cantão victoria,  
Já meigos attendem a voz do cantor:  
São todos tymbiras, guerreiros valentes!  
Seu nome la vôa na bocca das gentes,  
Condão de prodigios, de gloria e terror!

*Últimos Cantos, Gonçalves Dias*

Nesse trecho, o poeta apresenta a tribo dos timbiras. Constatamos, sem dificuldades, que a ortografia da época era, em muitos aspectos, diferente da que usamos atualmente. Tendo isso em vista, considere as seguintes afirmativas:

1. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo não eram acentuadas naquela época, diferentemente de hoje.
2. As formas verbais se alternam entre presente e futuro do presente do indicativo, com a mesma terminação.
3. A 3ª pessoa do plural dos verbos do presente do indicativo se diferencia graficamente da forma atual.
4. Os monossílabos tônicos perderam o acento na ortografia contemporânea.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.



- b) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

### Comentários:

---

A afirmativa 1 está correta, porque não encontramos acentuação nas palavras como “prodígios” e “glória”, que hoje são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

A afirmativa 2 está incorreta, porque temos o uso predominante dos verbos no presente do indicativo. No caso das formas verbais terminadas em ditongos nasais, hoje utilizadas em construções do futuro, na época substituíam o “M” final das palavras.

A afirmativa 3 está correta, porque essas formas verbais, hoje, são grafadas com “m” final e, na época do texto, com o ditongo nasal marcado pelo til.

A afirmativa 4 está incorreta, porque os monossílabos tônicos mantiveram a acentuação em alguns casos, como ocorre em “já”, acentuado na época do poema e até hoje.

### Gabarito: B

---

#### 41. (ENEM - 2ª aplicação/2019)

As montanhas correm agora, lá fora, umas atrás das outras, hostis e espectrais, desertas de vontades novas que as humanizem, esquecidas já dos antigos homens lendários que as povoaram e dominaram.

Carregam nos seus dorsos poderosos as pequenas cidades decadentes, como uma doença aviltante e tenaz, que se aninhou para sempre em suas dobras. Não podendo matá-las de todo ou arrancá-las de si e vencer, elas resignam-se e as ocultam com sua vegetação escura e densa, que lhes serve de coberta, e resguardam o seu sonho imperial de ferro e ouro.

PENNA, C. **Fronteira**. Rio de Janeiro: Artium, 2001.

As soluções de linguagem encontradas pelo narrador projetam uma perspectiva lírica da paisagem contemplada. Essa projeção alinha-se ao poético na medida em que

- (A) explora a identidade entre o homem e a natureza.
- (B) reveste o inanimado de vitalidade e ressentimento.
- (C) congela no tempo a prosperidade de antigas cidades.



(D) destaca a estética das formas e das cores da paisagem.

(E) captura o sentido da ruína causada pela extração mineral.

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque não se percebe uma relação de identificação entre os dois. Na realidade, o que temos é a colocação de uma ideia de que a natureza eliminou o homem de si e mantém somente marcas da civilização, sem a presença do próprio homem.

A alternativa B está correta, porque o inanimado, nesse caso, é a própria natureza, que se apresenta com uma relação clara de vitalidade, visto que é forte e sobrevive ao tempo e à própria humanidade, ao mesmo tempo em que é ressentida pela presença das cidades decadentes dos homens que não mais estão ali.

A alternativa C está incorreta, porque as cidades estão decadentes e, conforme lemos o texto, abandonadas. Parece-nos que não temos mais homens vivendo nessas cidades, é como se a civilização tivesse sido destruída e não mais pertencesse ou permanecesse à natureza, que aceita e adere, a si, as cidades.

A alternativa D está incorreta, porque essa não é a construção poética que temos nesse caso. Percebe-se que a descrição da relação natural, sem a presença humana é o que apresenta a noção poética do texto. Na realidade, temos uma descrição, de forma geral, poética. Em tudo temos linguagem poética nesse texto.

A alternativa E está incorreta, porque não temos nenhuma indicação de exploração mineral no texto. Percebe-se uma realidade em que o homem parece não mais ocupar o espaço natural, dado que as cidades são entendidas como uma marca não mais habitada da natureza, que teve que aprender a conviver com elas.

### Gabarito: B

---

#### **42. (ENEM - 2ª aplicação/2019)**

A identificação simbólica que existe na cultura esportiva pode ser um fator determinante nas ações potencialmente agressivas dos espectadores e torcedores de futebol. Essa identificação em indivíduos que não têm uma identidade própria pode levá-los a não perceber os limites entre a sua vida e a sua equipe, ou entre a sua vida e a vida de um ídolo (jogador), e, dessa forma, passar a viver suas emoções basicamente por meio de acontecimentos esportivos, do sucesso e da derrota de seu clube predileto. Alguns dos torcedores organizados dedicam a vida à sua torcida. Vivem para ela e, por ela, chegam a perder qualquer outra referência, pois é essa experiência compensatória que lhes dá identidade. A probabilidade de um indivíduo se tornar um torcedor fanático está diretamente



relacionada com a construção da sua identidade. Por isso, é imprescindível o desenvolvimento de relações e valores próprios que o ajudarão a delinear o limite entre ele e a sua equipe, ou entre ele e um jogador de futebol.

REIS, H. H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê; Autores Associados, 2006 (adaptado).

Partindo da discussão sobre as relações entre o torcedor e seu clube, observa-se que o fanatismo futebolístico

- (A) deriva da falta de referências para a construção de valores morais em crise na sociedade.
- (B) está relacionado à fragilidade identitária, o que dificulta a dissociação entre sua vida e a de seu clube ou ídolo.
- (C) perde sustentação naqueles torcedores organizados que não conseguem separar as esferas pública e privada.
- (D) decorre do estabelecimento de uma identidade própria do indivíduo, forjada pela tutela do clube e de seus ídolos.
- (E) é restrito às torcidas jovens, que corrompem a identidade individual de seus torcedores em favor da identidade coletiva.

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque não se fala aqui em questões morais, sociais, mas sim psicológicas.

A alternativa B está correta, porque o texto aponta que, nos esportes, há uma identificação simbólica dos torcedores para com o time que ocorre “em indivíduos que não têm uma identidade própria”. Assim, por ter uma individualidade construída de maneira frágil, ele se aproxima ainda mais dos clubes ou ídolos de maneira fanática.

A alternativa C está incorreta, porque as torcidas organizadas muitas vezes reproduzem o fanatismo, ou seja, ele não perde sustentação com elas.

A alternativa D está incorreta, porque a falta de identidade própria do indivíduo é que favorece o surgimento do fanatismo.

A alternativa E está incorreta, porque não se pode dizer pelo texto que apenas jovens estejam sujeitos ao fanatismo nos esportes.

### Gabarito: B

---



**43. (ENEM – 2ª aplicação/2019)**

**Como a percepção do tempo muda de acordo com a língua**

Línguas diferentes descrevem o tempo de maneiras distintas – e as palavras usadas para falar sobre ele moldam nossa percepção de sua passagem.

O estudo “Distorção temporal whorfiana: representando duração por meio da ampulheta da língua”, publicado no jornal da APA (Associação Americana de Psicologia), mostra que conceitos abstratos, como a percepção da duração do tempo, não são universais.

Os autores não só verificaram uma mudança da percepção temporal conforme a língua falada como observaram que a transição de uma língua para outra por um mesmo indivíduo modificava sua estimativa de uma duração de tempo. Isso implica que visões diferentes de tempo convivem no cérebro de um indivíduo bilíngue.

“O fato de que pessoas bilíngues transitam entre essas diferentes formas de estimar o tempo sem esforço e inconscientemente se encaixa nas evidências crescentes que demonstram a facilidade com que a linguagem se entremeia furtivamente em nossos sentidos mais básicos, incluindo nossas emoções, percepção visual e, agora, ao que parece, nossa sensação de tempo”, disse o pesquisador ao site Quartz.

LIMA, J. D. Disponível em: [www.nexojornal.com.br](http://www.nexojornal.com.br). Acesso em: 24 ago. 2017.

O texto relata experiências e resultados de um estudo que reconhece a importância

- (A) da compreensão do tempo pelo cérebro.
- (B) das pesquisas científicas sobre a cognição.
- (C) da teoria whorfiana para a área da linguagem.
- (D) das linguagens e seus usos na vida das pessoas.
- (E) do bilinguismo para o desenvolvimento intelectual.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, porque não temos uma relação direta entre o tempo e sua percepção mental. A relação é a de como a linguagem serve para marcar essa relação, de que maneira as coisas aparecem para as pessoas.

A alternativa B está incorreta, porque não temos indicação da importância das pesquisas científicas sobre a cognição, que está relacionada à forma como aprendemos as coisas. Na realidade, percebe-se uma importância enorme da forma como a linguagem modifica a vida das pessoas, porque temos as ideias mais subjetivas.



A alternativa C está incorreta, porque o trecho, apesar de citar a teoria whorfiana e sua aplicação, não temos uma indicação de importância para essa teoria, senão para a parte relacionada à linguagem e a percepção das coisas.

A alternativa D está correta, porque, segundo o texto, é extremamente interessante a relação da linguagem com a vida das pessoas. Nesse caso, percebemos que até as percepções mais subjetivas são influenciadas por essa relação de linguagem, dado que, em cada língua, temos uma relação de olhar para o tempo de forma diferente.

A alternativa E está incorreta, porque não há relação alguma entre o bilinguismo e o desenvolvimento intelectual. Na realidade, pode haver uma relação, mas o texto não aplica essa relação de forma clara.

**Gabarito: D**

---

#### **44. (ENEM - 2ª aplicação/2019)**

A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de linguistas que estão desenterrando as raízes do português brasileiro ao examinar cartas pessoais e administrativas, testamentos, relatos de viagens, processos judiciais, cartas de leitores e anúncios de jornais desde o século XVI, coletados em instituições como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Público do Estado de São Paulo. No acervo de documentos que servem para estudos sobre o português paulista está uma carta de 1807, escrita pelo soldado Manoel Coelho, que teria seduzido a filha de um fazendeiro. Quando soube, o pai da moça, enfurecido, forçou o rapaz a se casar com ela. O soldado, porém, bateu o pé: “Nem por bem, nem por mal!”, não se casaria. Um linguista pesquisador estranhou a citação, já que o fato se passava na Vila de São Paulo, mas depois percebeu: “Ele quis dizer ‘nem por bem, nem por mal!’”. O soldado escrevia como falava. Não se sabe se casou com a filha do fazendeiro, mas deixou uma prova valiosa de como se falava no início do século XIX.”

FIORAVANTI, C. Ora pois, uma língua bem brasileira. **Pesquisa Fapesp**, n. 230, abr. 2015 (adaptado).

O fato relatado evidencia que fenômenos presentes na fala podem aparecer em textos escritos. Além disso, sugere que

- (A) os diferentes falares do português provêm de textos escritos.
- (B) o tipo de escrita usado pelo soldado era desprestigiado no século XIX.
- (C) os fenômenos de mudança da língua portuguesa são historicamente previsíveis.
- (D) as formas variantes do português brasileiro atual já figuravam no português antigo escrito.



(E) as origens da norma-padrão do português brasileiro podem ser observadas em textos antigos.

### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque os textos, segundo a pesquisa, servem como forma de demonstração de como se falava naquele momento. Podemos entender, inclusive, que o falar está colocado no texto e não o contrário.

A alternativa B está incorreta, porque não há indicações, no texto, de que havia maior ou menor prestígio para a forma apresentada. Se pensarmos assim, estamos considerando claramente o que acreditamos para esse momento, em que temos a ideia de que seria menos prestigiado. Atente-se para o fato de que o texto se refere ao século XIX e não para o momento atual.

A alternativa C está incorreta, porque a surpresa do pesquisador demonstra que não temos essa indicação de previsibilidade. É interessante olhar para a linguagem como um organismo vivo, que se modifica a cada momento de formas diferentes.

A alternativa D está correta, porque percebe-se que, até hoje, ainda encontramos elementos que são resgatados do português falado da época da pesquisa. É um resgate histórico bastante interessante para o momento em que a linguística ganha forma e começa a reforçar suas ideias e teorias.

A alternativa E está incorreta, porque os textos estão relacionados com a linguagem falada, claramente menos presa à norma culta do que a escrita. Logo, não temos relação com as origens da norma-padrão, senão com a norma mais informal, dado tratar-se da fala.

### Gabarito: D

---

#### 45. (ENEM - 2ª aplicação/2018)

##### **Uma língua, múltiplos falares**

Desde suas origens, o Brasil tem uma língua dividida em falares diversos. Mesmo antes da chegada dos portugueses, o território brasileiro já era multilíngue. Havia cerca de 1,2 mil línguas faladas pelos povos indígenas. O português trazido pelo colonizador tampouco era uma língua homogênea, havia variações dependendo da região de Portugal de onde ele vinha. Há de se considerar também que a chegada de falantes de português acontece em diferentes etapas, em momentos históricos específicos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, temos primeiramente o encontro linguístico de portugueses com índios e, além dos negros da África, vieram italianos, japoneses, alemães, árabes, todos com suas línguas. “Todo este processo vai produzindo diversidades linguísticas que caracterizam falares diferentes”, afirma um linguista da Unicamp. Daí que na mesma São Paulo pode-se encontrar modos de falar



distintos como o de Adoniran Barbosa, que eternizou em suas composições o sotaque típico de um filho de imigrantes italianos, ou o chamado erre retroflexo, aquele erre dobrado que, junto com a letra i, resulta naquele jeito de falar “cairne” e “poirta” característico do interior de São Paulo.

MARIUZZO, P. Disponível em: [www.labjor.unicamp.br](http://www.labjor.unicamp.br). Acesso em: 30 jul. 2012 (adaptado).

A partir desse breve histórico da língua portuguesa no Brasil, um dos elementos de identidade nacional, entende-se que a diversidade linguística é resultado da

- (A) imposição da língua do colonizador sobre as línguas indígenas.
- (B) interação entre os falantes de línguas e culturas diferentes.
- (C) sobreposição das línguas europeias sobre as africanas e indígenas.
- (D) heterogeneidade da língua trazida pelo colonizador.
- (E) preservação dos sotaques característicos dos imigrantes.

#### Comentários:

---

A alternativa A está incorreta, porque a imposição da língua oficial não mitigou completamente a influência das línguas existentes já no território brasileiro.

A alternativa B está correta, porque o texto aponta que mesmo antes da chegada dos portugueses o Brasil já era multilíngue, pois havia muita diversidade dentre os povos que viviam aqui. Além disso, o português dos colonizadores também não era homogêneo. Ao primeiro encontro – portugueses e indígenas – acresceu-se a população negra e, posteriormente, os imigrantes italianos, japoneses, alemães e árabes. Assim, pode-se apontar que a diversidade linguística resulta da interação entre os falantes de línguas e culturas diferentes.

A alternativa C está incorreta, porque ainda que o português tenha se tornado a língua oficial, isso não excluiu a contaminação das outras línguas.

A alternativa D está incorreta, porque isso é apenas um dos aspectos que faz com que o Brasil seja multilíngue.

A alternativa E está incorreta, porque não se fala aqui sobre preservação de sotaques, mas sim sobre colaborações e contaminações.

#### Gabarito: B

---





## 7 Considerações Finais das Aulas

Essa aula rendeu, hein, Bolas?

Para a próxima, entraremos no filezin que papai gosta: sintaxe. Estude bem para podermos aprofundar tudo na próxima aula. É isso por hoje, pessoal!

Bora que só bora e um excelente estudo para vocês!



Professor Wagner  
Santos



@wagnerliteratura  
@profwagnersantos

**Folha de versão:** 20/09/2021

